



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÁTILA BÉLENS FERREIRA DOS SANTOS

**AUTORIDADE E TRADIÇÃO: A CRISE INTERGERACIONAL
QUE AFETA A EDUCAÇÃO E O MUNDO MODERNO**

Salvador

2021

ÁTILA BELENS FERREIRA DOS SANTOS

**AUTORIDADE E TRADIÇÃO: A CRISE INTERGERACIONAL
QUE AFETA A EDUCAÇÃO E O MUNDO MODERNO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Filosofia e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Sievers de Almeida

Salvador

2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santos, Átila Bélens Ferreira dos.

Autoridade e tradição : a crise intergeracional que afeta a educação e o mundo moderno / Átila Bélens Ferreira dos Santos. - 2021.

72 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanessa Sievers de Almeida.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

1. Educação - Filosofia. 2. Arendt, Hannah - 1906-1975 - Contribuições em educação. 3. Relações entre gerações. 4. Conflito de gerações. 5. Autoridade. 6. Tradição (Filosofia). I. Almeida, Vanessa Sievers de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 370.1 - 23. ed.

ÁTILA BÉLENS FERREIRA DOS SANTOS

**AUTORIDADE E TRADIÇÃO: A CRISE INTERGERACIONAL
QUE AFETA A EDUCAÇÃO E O MUNDO MODERNO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Vanessa Sievers de Almeida _____
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Crislei de Oliveira Custódio _____
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo
Universidade de São Paulo

Alessandra Carbonero Lima _____
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

*Aos maiores responsáveis pela minha
iniciação e permanência no mundo: meus pais
e meus professores.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, especialmente a meu pai, por ser um exemplo de homem justo, carinhoso, dedicado, amoroso, e que fez de tudo para me apoiar em qualquer projeto e sonho que tive como objetivo em minha vida. Sem ele, não seria nada. A ele serei eternamente grato a uma vida de dedicação total a formação de seus filhos. Sem sua formação crítica, intelectual e rebelde, dificilmente teria chegado até aqui.

Agradeço, também, à minha companheira, que sempre acreditou em meu potencial, segurou minha mão nos momentos mais difíceis e em nenhum momento perdeu a compreensão e paciência. Sou grato por todo afeto e amor nos momentos em que mais precisei. Aliás, não poderia faltar meus sogros. Agradeço por cada sorriso e por me tratar com o mesmo carinho que se trata um filho.

Agradeço, ainda, aos meus familiares, em especial a minha avó. Negra, professora e ex-diretora de colégio. Sem a sua representação de amor dedicado à educação, não teria escolhido minha profissão. Obrigado por acreditar e se orgulhar de mim. Foi a força de que precisei para poder terminar essa etapa de minha vida.

Agradeço à minha madrasta e meus irmãos, que não deixaram de me amar e acreditar em mim todo esse tempo distanciado por causa da escrita. Sem vocês eu nunca teria forças para terminar.

Agradeço à minha mãe e minhas irmãs, me ensinaram e ainda ensinam todos os dias como sorrir em um mundo que está fora dos eixos. São guerreiras e nunca desistiram.

Agradeço, também, à memória de meu irmão Francisco. A pessoa, nesse mundo, que mais me fez rir e sempre confiou em meu potencial, queria poder dizer que eu consegui. Como te prometi, assim como foi com você, viverei sem arrependimentos. No regrets.

Agradeço à Vanessa Sievers de Almeida, minha orientadora e professora. Não tenho palavras para descrever todo apoio e ensinamentos durante essa etapa de minha vida. Sem ela, não seria o que sou em minha vida acadêmica. Se não fosse sua maneira singular, amorosa e justa de lidar com o mundo e com seus alunos, certamente não teria chegado até aqui. Sou grato, principalmente, por não ter desistido de mim. Uma pessoa que levarei com certeza para minha vida. Tenho total admiração e carinho. Obrigado por tudo.

Agradeço, é claro, à Crislei Custódio e Alessandra Carbonero que foram essenciais para as reflexões que surgiram após o exame de qualificação. Suas críticas e apontamentos foram de grande ajuda para o término da pesquisa.

Agradeço aos amigos do Grupo de estudos Ética, política e formação. Sem medo de errar, foi uma das coisas mais importantes que aconteceu em minha vida.

Ainda no que se refere à formação acadêmica, queria agradecer a Universidade Federal da Bahia, a Faculdade de Educação, a CAPES e alguns professores que passaram pela minha vida e deixaram marcas.

Agradeço, ademais, aos amigos e às amigas de infância, por me permitirem fazer parte da vida vocês. Sou grato por todos os risos e confidências que nos formaram como pessoas singulares e plurais no mundo. Todos representam meu passado e tradição.

E agradeço, por fim, a todas as pessoas que de alguma forma passaram por minha vida e deixaram sementes. Sempre que posso, estou regando-as.

XX, 26. Contudo, o que por ora é claro e límpido é que tanto o futuro quanto o passado não são, e não se diz propriamente: os tempos são três, passado, presente, e futuro, mas talvez se devesse dizer propriamente: os tempos são três, o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. Esses três, de fato, estão na alma, de alguma maneira, e não os vejo em outro lugar: a memória presente do passado, a visão presente do presente, a expectativa presente do futuro. Se nos for permitido dizer isso, então reconheço que enxergo três tempos, e os três são.

SANTO AGOSTINHO

RESUMO

BELENS, Átila Ferreira dos Santos. **Autoridade e tradição: A crise intergeracional que afeta a educação e o mundo moderno.** 2021. 72 f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre as relações entre os conceitos de autoridade, tradição e educação no pensamento de Hannah Arendt. A autora aborda esses assuntos com base na crise educacional. A autoridade, na concepção arendtiana, corresponde à responsabilidade que o adulto assume em relação à preservação do mundo, e a tradição, significa o respeito às experiências dos antepassados. Já o conceito de natalidade em Arendt é fundamental porque representa a essência da educação, e diz respeito ao nascimento dos recém-chegados que poderão agir e modificar o mundo. Nesse contexto da teia conceitual arendtiana, a crise de autoridade e tradição na educação, é analisada como deslocamento ou desaparecimento da responsabilidade dos adultos com relação aos recém-chegados no mundo. Assim, os adultos perdem a capacidade de transmitir a herança para as crianças que são educadas no espaço privado e na instituição escolar. Desse modo, a transmissão de conhecimento, amparado pelo ensino e aprendizagem na educação é afetado por uma crise intergeracional. A presente dissertação investiga, como essa crise intergeracional influenciou o relacionamento entre adultos e crianças. A compreensão da crise proporciona a oportunidade de refletirmos sobre a relevância da educação das crianças para as relações que estabelecerão futuramente como adultos livres no espaço público e na sua constituição como indivíduos na civilização. Diante desse contexto, discutimos como a crise se aprofundou de tal forma que os próprios recém-chegados transferiram a responsabilidade perdida pelos adultos para o acesso à informação com a chegada da revolução digital. Entretanto, em nossa análise, consideramos que o acesso à informação não é formação. Refletir sobre a crise de autoridade e tradição, fundamentado na crise intergeracional pode significar que a educação é o espaço que deve ser preservado para sustentar a relação entre gerações. Cabe ao adulto assegurar sua promessa de apresentar o legado de um mundo, permitindo o acesso aos fios da tradição, para que os recém-chegados assumam essa herança e possam se relacionar como seres singulares com a pluralidade humana.

Palavras-chave: Educação. Crise Intergeracional. Autoridade. Tradição. Hannah Arendt.

ABSTRACT

BELENS, Átila Ferreira dos Santos. **Authority and tradition: The intergenerational crisis affecting education and the modern world.** 2021. 72 f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

This work presents a reflection on the relationship between the concepts of authority, tradition and education in the thinking of Hannah Arendt. The author addresses these issues based on the educational crisis. Authority, in the Arendtian conception, corresponds to the responsibility that the adult assumes in relation to the preservation of the world, and tradition, means respect for the experiences of the ancestors. The concept of natality in Arendt, is fundamental because it represents the essence of education, and concerns the birth of newcomers who will be able to act and change the world. In this context of the Arendtian conceptual web, the crisis of authority and tradition in education is analyzed as displacement or disappearance of adults' responsibility towards newcomers in the world. So adults lose the ability to pass on the inheritance to children who are educated in the private space and in the school institution. Thus, the transmission of knowledge, supported by teaching and learning in education, is affected by an intergenerational crisis. This dissertation investigates how this intergenerational crisis influenced the relationship between adults and children. Understanding the crisis provides an opportunity to reflect on the relevance of children's education for the relationships they will establish in the future as free adults in the public space and in their constitution as individuals in civilization. Given this context, we discussed how the crisis deepened to such an extent that the newcomers themselves transferred the responsibility lost by adults to the access of information, arisen with the arrival of the digital revolution. However, in our analysis, we consider that access to information is not education. Reflecting on the crisis of authority and tradition, based on the intergenerational crisis, may mean that education is the space that must be preserved to sustain the relationship between generations. It is up to the adult to ensure his promise to present the legacy of a world, allowing access to the threads of tradition, so that newcomers assume this heritage and can relate as singular beings with human plurality.

Keywords: Education. Intergenerational Crisis. Authority. Tradition. Hannah Arendt.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O QUE É EDUCAÇÃO?.....	17
2.1	EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT.....	18
2.2	A EDUCAÇÃO, O PRIVADO E PÚBLICO.....	23
2.3	A ESCOLA, A RESPONSABILIDADE E O PASSADO.....	28
3	A CRISE DE AUTORIDADE E TRADIÇÃO.....	35
3.1	AUTORIDADE: A CRISE DE RESPONSABILIDADE.....	36
3.2	TRADIÇÃO: A CRISE DE RECORDAR.....	46
4	EDUCAÇÃO E A CRISE ENTRE GERAÇÕES.....	56
4.1	A CRISE INTERGERACIONAL.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato que tive com alguma obra ou texto de Hannah Arendt foi no primeiro dia da disciplina de aluno especial da UFBA (Universidade Federal da Bahia). A disciplina tinha como tema: “A liberdade”. A professora Vanessa Sievers começou a aula perguntando: “O que é liberdade?”, para seus alunos. Todas as respostas foram subjetivas e pareciam muito mais confundir do que responder nossa angústia sobre esse significado. Posto isto, o primeiro texto a que tive acesso da pensadora foi o ensaio *Que é liberdade?*, presente no livro *Entre o passado e o futuro* (2016). Lembro que, após muita discussão, a professora resolveu responder à pergunta com a reflexão de Arendt,

Levantar a questão - o que é liberdade? - parece ser uma empresa irrealizável. É como se velhas contradições e antinomias estivessem à nossa espreita para forçar o espírito a dilemas de impossibilidade lógica de tal modo que, dependendo da solução escolhida, se torna tão impossível conceber a liberdade ou o seu oposto quanto entender a noção de um círculo quadrado. (ARENDDT, 2016, p. 188)

Essas primeiras linhas do ensaio mudaram minha vida a partir daquele momento. Foi então que decidi, definitivamente, estudar e compreender a vida, obra e legado de uma das pensadoras - só fui descobrir isso com o tempo -, mais originais do século XX. Na atualidade, ainda não consigo responder essa reflexão filosófica sobre a liberdade, porém é interessante perceber que Hannah Arendt é reconhecida, além de sua originalidade e coragem, por um legado que nos ensina, antes de tudo a pensar. A escrita de Arendt dificilmente traz algum tipo de resposta com relação a seus temas. Em verdade, suas obras ajudam a compreender as experiências e fenômenos da política, como seu tema central. Entretanto, é importante ressaltar que seus escritos versam sobre uma quantidade diversa de temas.

Hodiernamente, os escritos da pensadora alemã são cada vez mais difundidos e lidos. Suas obras têm sido reproduzidas em várias partes do mundo, pois sua forma de pensar e escrever ajudam a entender as experiências do passado, e em consequência os fenômenos que acontecem na modernidade. Os conceitos e reflexões que a pensadora revela, também, estão sendo cada vez mais aprofundados nos meios acadêmicos, em pesquisas e palestras. A demonstração prática desse crescimento, é que a difusão de seu nome em uma pesquisa rápida, no maior site de busca da *internet*¹, cresceu consideravelmente dentro de 10 anos.

¹ Esse primeiro trecho da dissertação faz referência ao mestrado de Crislei Custódio: Educação e mundo Comum em Hannah Arendt: Reflexões e relações em face da crise do mundo moderno (2011). Fizemos uma atualização da introdução sobre a pesquisa do nome Hannah Arendt no site de buscas do Google. Em 10 de

Em sua vida, Hannah Arendt nunca se considerou uma filósofa. E sempre que perguntada sobre o tema dizia ser uma teórica política. Hoje não se tem mais dúvidas sobre seu legado filosófico. Em nenhum momento seus escritos se encaixaram em alguma linha de teoria de pesquisa, porém suas reflexões se aproximam da fenomenologia. Adriano Correia em seu livro, *Hannah Arendt e a modernidade: Política, economia e a disputa por uma fronteira* escreve no prólogo que,

Arendt cultivava uma *fenomenologia genealógica* na qual eram decisivos os eventos históricos e as experiências deles decorrentes, notadamente no âmbito da linguagem, mas também no das configurações das formas de vida - nas tensões, inversões e transfigurações entre seus diferentes âmbitos e forças. Importava a ela traçar a genealogia dessas transfigurações e das forças que as presidiram, ainda no escopo da busca por compreender o que estamos fazendo.” (CORREIA, 2014, p. XXII).

Dito isso, é inspirado em seu vasto legado, que decidimos elaborar esse trabalho como um estudo teórico em filosofia da educação, a conclusão dos estudos realizados no âmbito da pós-graduação da Faculdade de Educação da UFBA, no período de abril de 2018 a março de 2021, sob a orientação da professora Vanessa Sievers de Almeida. O principal referencial teórico usado são os escritos de Hannah Arendt, os conceitos retratados em algumas de suas obras, e suas possíveis relações com a crise na educação e suas reflexões sobre como ela afeta o mundo comum.

É importante mencionar que os comentadores e pesquisadores na área de educação em Hannah Arendt, normalmente dialogam com a relação entre educação e política. No entanto, é interessante ressaltar que sobre a educação, Hannah Arendt só tem dois textos². Um desses textos é o ensaio *A crise na educação*, presente no livro *Entre o passado e o futuro* (2016). O livro é composto por vários ensaios que representam boa parte de seus temas e conceitos trabalhados em suas obras. Esse ensaio, em específico, é de fundamental importância para a construção desta pesquisa, pois é a base do objeto científico que pensamos em analisar. Desse modo, partimos da reflexão sobre a crise educacional, para desenvolver os conceitos de autoridade e tradição, a partir do pensamento de Hannah Arendt. Esses são os pilares que sustentam o desenvolvimento da dissertação até chegar o conceito de crise intergeracional.

Pensar o tema da crise educacional com base nos conceitos de Hannah Arendt não é uma tarefa fácil. Sua literatura é permeada de uma teia conceitual bastante própria, singular e densa. Os significados das palavras aos quais estamos acostumados, são aprofundados e

março de 2021, o site Google apresentava 13.500.000 de resultados na busca pelo termo “Hannah Arendt”. Depois de 10 anos ocorreu um aumento de mais de nove vezes o resultado.

² O primeiro ensaio é “Reflexões sobre Little Rock”, e o segundo “A Crise na educação.”

ressignificados a partir dessa teia conceitual arendtiana, que é bem criteriosa. Além disso, nas categorias de autoridade e tradição é feito um aprofundamento histórico de cada significado da palavra, descrevendo os conceitos e experiências representados por cada época até chegar o tempo presente. Hannah Arendt muitas vezes em suas obras, também assume que o leitor domina os conceitos do referencial teórico que ela usa como aporte para desenvolver seus pensamentos.

Vale destacar que no ensaio *A crise na educação*, Arendt não tem como objetivo criar uma teoria educacional e, muito menos, indicar ou recomendar uma prática pedagógica. A autora deixa claro que “não é educadora profissional” (ARENDR, 2016, p. 222); porém, ao falar, sobre o tema da educação ajuda a pensar de forma reflexiva, filosófica e crítica sobre ele, com a intenção de compreendê-lo.

Na presente pesquisa, analisar a educação a partir da crise, significa refletir sobre os “sintomas” que são gerados com base na problemática que ela evidencia. Estudar do ponto de vista da crise, proporciona a oportunidade de pensar a respeito de sua essência, portanto intenta descobrir os pressupostos que causam o problema. Diante desse movimento de compreender a crise que ocorre na educação, Hannah Arendt menciona a diversidade com que ela ocorre em cada país, porém sua referência é a educação dos Estados Unidos da América. À vista disso, a pensadora alude que a crise educacional se tornou um “problema político de primeira grandeza” (ARENDR, 2016, p. 221). Esse é o cenário em que Arendt escreve sobre a educação. Nesse momento fica evidente a relação existente entre educação e política. Além disso, um de seus conceitos importantes nesse contexto é o de mundo.

O *mundo* para Arendt, não é simplesmente o que nos rodeia, mas um espaço construído pelo trabalho e constituído pela ação. [...] Nesse espaço construído, os seres humanos podem criar formas de convivência e de interação que vão além da preocupação com a mera sobrevivência ou com a continuidade da espécie, embora as necessidades básicas não deixem de existir e precisem ser supridas antes de termos a possibilidade de participar do mundo. (ALMEIDA, 2011, p. 21)

A essência da educação para Hannah Arendt está na natalidade, ou seja, no fato de que seres humanos nascem para o mundo. Além disso, o nascimento significa a possibilidade de iniciar algo novo. O conceito de natalidade é o que representa a relação entre os recém-chegados e o mundo, ou seja, ele diz respeito aos filhos, educandos e sua possibilidade de conviver em liberdade entre iguais no espaço público. É baseado nesse conceito fundamental em sua obra, que podemos observar que a crise educacional se conecta com a crise no mundo. E para Hannah Arendt (2016, p. 192) “a *raison d’être* da política é a liberdade, e seu domínio

de experiência é a ação”. Tendo em vista essa afirmação, escolhemos relacionar os conceitos de sua obra *A condição humana* (2017), que fala sobre as atividades humanas fundamentais, portanto sobre a *vita activa*, com a educação.

Dessa forma, sendo a educação um problema político, elucidamos primeiramente os conceitos arendtianos associados à educação. No primeiro capítulo, tratamos de refletir sobre o conceito de natalidade, pois é um dos conceitos fundamentais em Hannah Arendt que é abordado em seu ensaio sobre a educação. No momento em que aprofundamos esse conceito, podemos observar que a crise educacional está realmente ligada a crise do mundo. Portanto, quando não sabemos lidar com os recém-chegados tanto em relação à herança que decidimos transmitir, quanto ao deslocamento de nossa responsabilidade em relação a eles, estamos perdendo nossa conexão com o rumo ou renovação que queremos dar ao mundo. Visto que a educação tem como um de seus propósitos apresentar o mundo público aos recém-chegados, essa relação pode manifestar a importância da instituição escolar, como espaço pré-político que oferece um lugar para o desenvolvimento das novas gerações. É por meio da instituição escolar que os adultos assumem responsabilidade por um mundo comum que precisa ser preservado.

Nesse contexto apresentamos, também, alguns dos conceitos de Arendt, presentes nas obras *Entre o passado e o futuro*, e *A condição humana*. Os conceitos de ação; pluralidade; natalidade; singularidade; política; espaço público e privado; e mundo comum, ajudam a compreender a teia conceitual de Hannah Arendt e seu inter-relacionamento com a educação. Todos esses conceitos são tratados a partir de sua relação com a crise de autoridade e tradição, pois os adultos que são detentores da autoridade, assumem a responsabilidade pelos âmbitos: público, privado e da instituição escolar com relação aos recém-chegados. A pesquisa não tem a pretensão de exaurir o aprofundamento de cada conceito de Hannah Arendt, pois acreditamos que cada categoria que ela pensa daria para realizar uma nova dissertação. No entanto, este trabalho tem como um de seus objetivos revelar o que pode ser iluminado a partir da crise.

No segundo capítulo, os conceitos de autoridade e tradição serão especificamente aprofundados com relação à crise. Para Hannah Arendt, o mundo não é mais sustentado por essas categorias. A ausência de autoridade e tradição pode significar que estamos de frente para um processo automático, líquido ou superficial da modernidade. Pensamos com Arendt (2016), e com suporte em seu pensamento que toda a responsabilidade e o nosso vínculo com

o passado estão sendo rejeitados, esquecidos ou representados por outros conceitos. E ao que parece todo o mundo tem optado por abrir mão dessas categorias, porém na realidade os indivíduos não conseguem viver sem elas.

Hannah Arendt faz uma abordagem histórica sobre a autoridade e tradição até chegar o momento de seu desaparecimento no mundo, e conseqüentemente o impacto que isso causa na educação e no espaço privado. O conceito de autoridade se refere à responsabilidade, que o adulto assumia pelo recém-chegado e conseqüentemente pela preservação do mundo. Essa autoridade é pensada, a partir dos conceitos de Arendt, mas sob a nossa perspectiva, que tem seu enfoque uma crise intergeracional entre adultos e crianças. A crise tem no seu centro o fato de que os recém-chegados na educação, desamparados pela responsabilidade dos adultos, transferem essa responsabilidade para sua autonomia na aprendizagem, por isso vivem em um mundo de crianças em que o adulto é apenas um mediador.

Por outro lado, a crise da tradição surge com a falta de capacidade dos adultos recordarem a tradição na educação. As crianças que perderam o amparo da responsabilidade dos adultos, transpõem sua relação de aprendizagem para o acesso à informação, utilizando os meios digitais. O conhecimento que antes era adquirido pela relação de ensino com o adulto no ambiente escolar, agora é acessado pela criança, de modo supostamente autônomo, em seu ato simples de obtenção da informação.

Todos os conceitos arendtianos, retratados no trabalho, não têm como objetivo aludir às respostas ou às soluções para as questões da crise na educação e do mundo. No entanto, estudar e analisar os escritos de Hannah Arendt na atualidade, principalmente a partir da crise, é de grande importância para revelar, sem preconceitos, pensamentos e análises dos fenômenos que acometem o convívio entre os adultos e recém-chegados na atualidade. Os conceitos e reflexões de sua obra que são abordados, são elucidados primeiramente no âmbito do pensamento de Hannah Arendt em sua época, e, depois, buscamos entender como esses pensamentos e reflexões “atuam” na modernidade.

Enfim, o terceiro e último capítulo elabora uma visão mais ampla, a partir de outros pensadores que também tratam de conceitos associados à crise moderna na educação e no mundo. Em nossa concepção, a influência da crise de autoridade e tradição na educação e no mundo moderno, se transformou em uma crise entre adultos e crianças, portanto uma crise entre gerações. Que denominamos como intergeracional.

Essa crise intergeracional é apresentada como uma possível quebra do vínculo entre adultos e crianças que era sustentado pela educação, autoridade e tradição. Nessa perspectiva, analisamos a revolução tecnológica informacional na modernidade, pelo ponto de vista da cultura digital e aceleração do acesso à informação, que influencia as novas gerações de recém-chegados no mundo comum, ao ponto de transferir a relação que estabeleciam com a autoridade e tradição na educação, para o mundo virtual (on-line).

O aprofundamento da crise intergeracional, revela o momento em que a criança transfere sua fonte de autoridade e tradição do adulto para a infinidade de possibilidades que o espaço virtual fornece com relação ao acesso à informação. Nesse sentido, pensamos a noção de testamento em Hannah Arendt e sua relação com essa crise, pois a herança, que antes era transmitida pelo adulto no ambiente educacional (mundo off-line), na atualidade está armazenada no ambiente virtual (on-line). Por esse motivo perde seu testamento.

Em vista disso, retomaremos a noção de natalidade e ação em Hannah Arendt, já que oferece a possibilidade de renovar um mundo que parece estar caminhando para sair dos eixos. Dessa maneira, a educação ainda pode significar o espaço que poderá sustentar as duas gerações.

2 O QUE É EDUCAÇÃO?

É a educação que fornece aquele toque de eternidade, fazendo com que a resignação se transforme numa aceitação dignificada, mas a contragosto, e o prazer animal numa virtude da vida.
R. S. Peters

Compreender a prática do discurso pedagógico, consubstanciado entre pedagogia e educação, assim como suas diferenças e relações, não é uma tarefa simples, porém necessária para entender que tipo de influência essas práticas e teorias estabelecem com o mundo. Portanto, para além de pensar as tendências e discursos pedagógicos, como também as diversas concepções sobre educação, elegemos neste estudo que é de crucial importância avaliar de forma filosófica e fenomenológica se o compromisso pelo destino da educação é de fato essencial para se desenvolver uma civilização e, conseqüentemente, ajudar na preservação e renovação do *mundo*³.

É com ajuda de Hannah Arendt que pretendemos, primeiramente, possibilitar a reflexão sobre o conceito de educação, uma vez que escolhemos estudar a obra da filósofa, pois a sua compreensão é a de que a educação pode ser uma esperança para um mundo que está em crise. Segundo a autora, a essência da educação se encontra na natalidade, ou seja, “o fato de nascerem novos seres humanos para o mundo - representa, assim, uma esperança, pois cada um, independente do lugar social que ocupa, é um potencial iniciador, alguém que pode começar algo novo.” (ALMEIDA, 2016, p. 3). Esse ser humano “natal” sempre virá ao mundo como recém-chegado, pois essa criança que se tornará um futuro adulto responsável por suas ações “é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em processo de formação” (ARENDRT, 2016, p. 234).

Neste primeiro capítulo, compreenderemos à educação de acordo com a perspectiva de uma parte da teia conceitual de Hannah Arendt, abordando os conceitos de; pluralidade; natalidade; singularidade; política; espaço público e privado; mundo comum. Esses conceitos serão desenvolvidos com enfoque na relação que existe entre o recém-chegado, o adulto, a

³ O conceito de mundo, mundo comum e espaço público em Arendt é retratado em boa parte de sua obra. A autora usa essas terminologias em diferentes contextos e com ênfases diferentes, portanto se torna difícil representar a relação desses conceitos de forma simples. Neste primeiro capítulo trataremos os conceitos de mundo, mundo comum e espaço público associando-os à área da educação e política. Esses assuntos são retratados amplamente nas obras *Entre o passado e o futuro* (2016) e a *Condição humana* (2017).

educação e o mundo. O recém-chegado como ser humano que é um indivíduo único e que está em processo de formação na educação para poder compreender e agir no mundo, e o adulto com relação às suas responsabilidades no que se refere aos âmbitos, privado, público e escolar. Ainda abordaremos as possíveis relações entre a educação e a política.

Por fim mostraremos que investigar à educação torna-se ainda mais complexo do ponto de vista da crise de autoridade e tradição, visto que analisar essa crise proporciona a oportunidade de entender em que proporção esse fenômeno influencia o modo como nossos discursos, compreensões e ações se manifestam no mundo comum.

2.1 EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT

O tema da educação é um dos temas mais vastos e complexos para se explorar como pesquisa em sua totalidade, pois incorpora dentro de seu conceito várias ciências, teorias e concepções diferentes. No entanto, Hannah Arendt (2016, p. 234) nos permite pensar e refletir sobre um dos pressupostos fundamentais que diz respeito à sua compreensão, na medida em que a educação “está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém, se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos.”

É no ensaio *A crise na educação*, que Hannah Arendt (2016) apresenta dois pontos muito importantes para entender seu conceito de educação. O primeiro se refere à educação como fenômeno necessário para a comunidade humana – dentro dessa necessidade existe a relação da formação humana com a apresentação do mundo – e o segundo ponto retrata o entendimento de que a essência da educação é a natalidade. Em outras palavras podemos dizer que, se não existisse o nascimento de novos seres humanos, não existiria um propósito para a educação e nem a possibilidade do rompimento de paradigmas socialmente predeterminados.

O pensamento de Arendt sobre o conceito de natalidade é de fundamental importância em toda sua obra. A natalidade é o conceito chave para inicialmente entender – tanto em relação à educação como em relação à política –, o quanto a origem de seu significado influencia o desdobramento de suas reflexões sobre outros conceitos que serão abordados neste tópico e na dissertação. Arendt (2016, p. 222) descreve de forma concisa e objetiva que “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem* para o mundo”.

Tendo em vista a constante chegada de novos seres humanos, torna-se fundamental

entender que o mundo precisará ser apresentado aos recém-chegados até um certo momento de sua vida, pois esse mundo que já existia antes de seu nascimento é constituído por fatos históricos e representado por convenções criadas a partir das ações⁴ e discursos humanos dentro de um espaço comum. Essa apresentação do mundo é realizada em maior parte na esfera da instituição escolar⁵ pelos professores e educadores, por esse motivo antecede a vida adulta do indivíduo. Nesse sentido, Arendt (2016, p. 239) afirma que “na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é.”

Para Arendt essa gradual introdução da criança no mundo é feita primeiramente pela instituição escolar. A escola tem como objetivo apresentar o mundo à criança, entretanto para se concretizar essa apresentação, devemos partir do pressuposto que apresentar não significa reproduzir o mundo, pois a escola não é a imitação do mundo e nem teria de forma prática essa capacidade para reproduzi-lo, principalmente em sua totalidade. A apresentação do mundo, na verdade, significa que devemos considerar que a tradição mundana preexistente é um fator relevante para a construção do próprio mundo. Nesse cenário, devemos considerar também que os adultos participantes e livres em sua comunidade humana, normalmente são os responsáveis por escolher quais tradições do passado serão ensinadas na educação e com que finalidade elas serão expostas no tempo presente.

Compreende-se, assim, que os adultos educadores no espaço escolar têm a possibilidade de escolher, entre uma extraordinária quantidade de valores históricos e culturais do passado, o que deve ser transmitido e o que deve ser colocado como referência para acesso dos alunos em outros espaços. À vista disso, podemos indagar se, na prática, isso tem ocorrido nas instituições escolares na atualidade, e se a educação transmitida pelos professores a partir da tradição é um fator essencial para se apresentar o mundo. O que podemos perceber é que existe, no ato de apresentação do mundo aos recém-chegados na educação uma hierarquia de valores sobre o que será transmitido. Visto que se torna uma atividade difícil ou quase impossível transmitir qualquer conhecimento em sua plenitude e com valores controladamente iguais.

⁴ O termo “ação” refere-se a um conceito específico e aprofundado na obra de Hannah Arendt (2017). Ver o capítulo I e V da obra “A Condição Humana” para melhor aprofundamento no tema.

⁵ Quando retratarmos o termo “instituição escolar”, a exemplo do Brasil, estamos nos referindo à Educação infantil, ensino fundamental e médio.

No entanto, devemos considerar que a atenção de Arendt (2016) se volta para uma possível responsabilidade que o adulto adota na escola, principalmente em sua atividade como professor, pois essa responsabilidade será fator imprescindível para se apresentar o mundo à criança e também cuidar de sua trajetória do espaço familiar para o mundo, pois essa criança dependerá dessa apresentação, para que ela consiga compreender o mínimo em relação às normas estabelecidas para o convívio em harmonia no mundo, e diante disso poder transitar e agir no espaço público. Segundo Arendt (2016, p. 238):

Normalmente a criança é introduzida ao mundo pela primeira vez através da escola. No entanto, a escola não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo; ela é, em vez disso, a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo.

O período de imaturidade da criança que antecipa a sua participação no mundo, é o espaço de tempo em que os conhecimentos que regem o mundo, principalmente para se aprender a conviver nele, serão apresentados à criança pelo professor. Na esperança de que ela possa adquirir responsabilidade por ele. Em face a essa realidade é necessário ressaltar que a área da educação da qual tratamos, de acordo com Arendt, destina-se ao recém-chegado, à infância e uma parte da adolescência, ou seja, o indivíduo em sua juventude, aquele período de imaturidade em que é novo no mundo e, além disso, está em processo de formação para compreendê-lo. Hannah Arendt em seus escritos sobre educação não trata do que denominamos no Brasil de “educação de adultos” ou “educação superior”, e nem será nosso objetivo aprofundar esses campos de estudo. Enfim, em sua análise fica claro que

[...] é impossível determinar mediante uma regra geral onde a linha limítrofe entre a infância e a condição adulta recai, em cada caso. Ela muda frequentemente, com respeito à idade, de país para país, de uma civilização para outra e também de indivíduo para indivíduo. (ARENDR, 2016, p. 246)

Apesar da dificuldade de definir com exatidão a “linha limítrofe”, para a autora é importante distinguir o papel da criança do papel do adulto. A criança está em fase de desenvolvimento vital e educacional. Portanto, esse estado de desenvolvimento não deixará de existir no ambiente particular, na escola e no mundo, uma vez que está associado a seu intervalo de idade até chegar a sua fase de independência. E por essa circunstância, dentro desse decurso ela necessita da responsabilidade do adulto. Na perspectiva Arendt (2016), os adultos têm uma dupla responsabilidade que se divide como pai ou tutor de um lado e como professor ou educador no espaço escolar de outro.

Em primeiro lugar, os pais/tutores assumem responsabilidade pela criança no espaço

familiar, ou seja, na esfera privada. Nesse espaço se manifesta a necessidade de proteger a criança, pois uma vez que necessita de cuidados fundamentais biológicos, essa proteção e cuidado se tornam um pressuposto básico para sua sobrevivência e preservação de sua vida em relação ao âmbito público.

E, em segundo lugar, essa responsabilidade é assumida pelos professores e educadores da instituição escolar, pois no que lhe concerne tem o compromisso de conduzir o jovem para quando chegar em sua maioridade⁶, saber agir e transitar no espaço público. Espaço em que poderá colocar em prática o discernimento assimilado sobre o conhecimento que lhe foi apresentado. Vale ainda ressaltar que todos os adultos, portanto também aqueles que não são pais nem educadores, devem assumir a responsabilidade do ponto de vista mais geral em relação à preservação do mundo.

No processo de desenvolvimento das crianças até chegar, efetivamente, à inserção no espaço público, os adultos também precisam ter consciência e respeito pela singularidade, pois “é a singularidade que distingue cada ser humano de todos os demais, a qualidade em virtude da qual ele não é apenas um forasteiro no mundo, mas alguma coisa que jamais esteve aí antes” (ARENDDT, 2016, p. 239). É importante entender que o recém-chegado, enquanto é um ser “natal”, representa a possibilidade de iniciar algo novo no mundo, porque é um indivíduo novo e, ao mesmo tempo, singular. O conceito de singularidade em Arendt corrobora com o de natalidade, uma vez que o próprio nascimento representa a esperança do rompimento com o que é velho e repetido no mundo, por essa razão se respalda na concepção de que os humanos são únicos e desenvolverão a sua individualidade no seu processo de formação para ter a liberdade de poder criar ou não algo novo no mundo.

A capacidade de rompimento estabelecido pela natalidade e singularidade distinguem os seres humanos dos animais, e por esse motivo superam o processo biológico de somente sobreviver na terra; pois, para Arendt (2017), a origem e o início de algo novo correspondem a um caráter de imprevisibilidade. O ser humano é o único ser vivo que consegue representar a novidade que irrompe sobre o ciclo das coisas vivas do mundo no sentido de se revelar. E para simbolizar essa novidade precisamos também da singularidade. A natalidade significa o nascimento, e a singularidade a distinção que pode configurar a novidade. Arendt (2017, p.

⁶ Normalmente as sociedades modernas denominam como maioridade a mudança da idade infantil para uma idade que representa a vida adulta, desse modo suas prerrogativas legais para estabelecer essa idade são determinadas pela legislação vigente em cada estado. Na maior parte dos casos essa maioridade significa assumir responsabilidade total pelos seus atos.

220) diz que “o novo sempre aparece na forma de um milagre.” A novidade é revelada pela ação dos seres humanos, que no que lhes concerne necessitam romper com a tradição para favorecer o fator surpresa, pois

o fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. (ARENDRT, 2017, p. 220)

No seu ensaio sobre *A crise na educação* Arendt (2016) retrata de forma inovadora e autêntica que a essência da educação é a natalidade, a partir desse conceito e sua relação com alguns conceitos da *Condição Humana* (2017). Nesse sentido, refletimos sobre a necessidade de a singularidade ser respeitada e compreendida por todos na instituição escolar, pois a formação da criança, que depende da responsabilidade do adulto, dependerá sempre dessa capacidade de respeitar como princípio básico que os seres humanos vivem entre indivíduos diferentes, ou seja, considerando o respeito a pluralidade humana. Nesse caso, se o adulto é o detentor dessa responsabilidade, e ela se faz necessária para que o aluno consiga realizar a transferência do âmbito escolar para o mundo, pressupõe-se que em algum momento esse aluno precisará também assumir essa responsabilidade.

Ao considerarmos a responsabilidade assumida pelos adultos como fator primordial para cuidar e respeitar o nascimento e a individualidade de cada ser, assim como sua disposição para iniciar algo novo, acreditamos que estamos verdadeiramente empenhando-nos para que a educação não seja focada somente na vida individual de qualquer cidadão. E, em vista disso, considere que a natalidade apresenta um olhar que inclui atenção em relação às novas gerações e a preservação futura do mundo.

Analisando a questão da responsabilidade pela educação podemos refletir sobre a pergunta: é apresentando o mundo preexistente que o educador consegue fazer com que o educando reconheça também essa responsabilidade? Dificilmente haverá uma única ou definitiva resposta para essa questão. Entretanto, pensamos ser importante ponderar que no próprio ato de apresentar o mundo – que está em contínua mudança – deve-se apresentar a questão implícita da responsabilidade, pois existe uma questão lógica de que futuramente quando o jovem se tornar adulto no momento em que será capaz de atuar no espaço público, esse indivíduo precisará estar em igualdade entre seus semelhantes, portanto assumir em conjunto a responsabilidade pela preservação do mundo e conseqüentemente pela chegada das novas gerações.

Na medida em que é a natalidade que constitui a essência da educação para Arendt, compreendemos a criança como possível representante de algo novo e o mundo como palco do discurso e da ação que representam a razão da educação. Neste sentido, a responsabilidade do adulto e sua atuação na educação pela preservação do mundo deveriam se tornar evidentes, inspirando assim as crianças a se tornarem adultas também responsáveis. Essas questões evidenciam a relevância de uma reflexão sobre como o mundo e educação se sustentariam sem a autoridade dos adultos.

Em síntese, as crianças precisam ter a oportunidade de se familiarizar com a tradição mundana que influencia e constitui os elementos do mundo comum, portanto é imperioso compreender que a responsabilidade pela educação é um fator fundamental para compreensão e preservação do mundo. A responsabilidade dos adultos como educadores no espaço escolar em relação ao mundo e a apresentação do mundo aos recém-chegados – considerando a singularidade de cada um – possibilitarão que os jovens, que se tornarão futuros adultos, decidam sobre qual caminho seguir a partir da compreensão que tiveram sobre os ensinamentos que lhe foram apresentados.

2.2 A EDUCAÇÃO, O PRIVADO E O PÚBLICO

Existem dois aspectos importantes que são destacados por Arendt que ajudam a compreender o motivo pelo qual o mundo precisa ser apresentado às crianças pelos adultos na educação. Arendt (2016, p. 234-235) destaca que:

Esses recém-chegados [...] não se acham acabados, mas em um estado de vir a ser. Assim, a criança, objeto da educação, possui para o educador um duplo aspecto: é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em processo de formação; é um novo ser humano e é um ser humano em formação.

Os dois pontos simbolizam “um duplo relacionamento, o relacionamento com o mundo, de um lado, e com a vida de outro.” (ARENDRT, 2016, p. 235). Entendemos que esse duplo relacionamento deve-se tornar dependente em relação à continuidade do mundo, pois para se ter qualquer relacionamento com o mundo a criança depende de que o adulto cuide da preservação inicial de sua vida, fornecendo os cuidados primários para suprir suas necessidades biológicas, pois só a partir desse cuidado com sua vitalidade, o recém-chegado poderá desenvolver-se como ser humano no âmbito educacional e futuramente como adulto

no mundo. A título de exemplo é só observar um recém-nascido, um bebê ou a criança que não possuem independência para transitar no mundo, ou cuidar de sua alimentação. O próprio adulto necessita recorrer a sua memória em relação ao que lhe foi apresentado em seu processo educacional para escolher as informações necessárias com finalidade de oferecer os cuidados imprescindíveis para o crescimento saudável do recém-chegado.

Para entender melhor essa relação entre a vida e o mundo dentro desse processo de convivência dos humanos em comunidade, faz-se necessário compreender que responsabilidade os adultos precisam assumir nos *domínios, privado, público*⁷ e da instituição escolar.

No contexto da descrição sobre a responsabilidade dos pais no ambiente familiar, Arendt (2016, p. 235) afirma que a proteção da criança é fornecida no espaço privado, “por precisar ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família, cujos membros adultos, diariamente, retornam do mundo exterior e se recolhem à segurança da vida privada entre quatro paredes”. De fato, historicamente, a vida privada sempre foi um fator preponderante para a saúde vital e proteção não só da criança, mas também dos seres humanos em geral com relação ao mundo. Então o cuidado com esse processo vital, em outras palavras, essa relação com a vida da criança, é assegurada pelo espaço privado. No entanto,

Os pais humanos [...] não apenas trouxeram os filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. Eles assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo. (ARENDR, 2016, p. 235)

Com efeito, tanto a vida da criança quanto o mundo necessitam de proteção. É uma relação complexa, porque o mundo é regido pelas ações e discursos humanos, e essas ações direta ou indiretamente constituem e modificam o mundo. Por esse motivo os recém-chegados precisam ser introduzidos nas tradições do mundo pela educação; para que, conseqüentemente, possam entender a relação da responsabilidade com o processo de renovação e preservação do mundo. As crianças precisam compreender, na educação, o porquê é necessário futuramente assumir responsabilidade por esses fatores, já que sem o conhecimento necessário para estabelecer futuramente sua autopreservação e o convívio saudável entre os humanos em qualquer espaço de convivência, essas ações podem se voltar contra o próprio mundo e com base nesse resultado influenciar de forma negativa a atual

⁷ A terminologia “domínio público e privado” é usada por Arendt no capítulo II da obra *A condição humana* (2017) tratando de sua relação com os conceitos da vida activa. Nesse tópico trataremos como “espaço público e privado”, pois no ensaio *A crise da educação* (2016) é assim que Hannah Arendt os descreve.

geração e conseqüentemente as próximas.

Então, antes de assumir essa responsabilidade como adulto “a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo” (ARENDR, 2016, p. 235), ou seja, a criança em seu trajeto rumo à maioridade está em fase de desenvolvimento, portanto precisa de cuidados especiais que estão relacionados ao suprimento de suas necessidades vitais no ambiente privado e que também são importantes no decorrer de sua educação no ambiente escolar. Deste modo a criança além de precisar ser protegida do mundo também necessita ser iniciada em sua tradição pela instituição escolar, pois terá que aprender não só os fundamentos basilares para poder agir e conviver com a pluralidade humana como também compreender a forma complexa como a comunidade humana vive no espaço público.

É inegável que a instituição escolar, a exemplo do Brasil, se torna obrigatória pelo Estado, porém são os pais que primeiramente escolhem o modelo de instituição escolar para seus filhos. Essa escolha efetivamente influencia sobre qual tipo de apresentação que eles terão em relação ao mundo, e será um fator fundamental para as crianças, que estão em formação, atingirem seus objetivos na educação, sabendo entender, diferenciar e ter senso crítico na sua convivência com o mundo, e como resultado adquirir o conhecimento necessário para autodefender-se de sua parte destrutiva.

Em contrapartida “também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração” (ARENDR, 2016, p. 235). Para Arendt, a natalidade além de significar o surgimento do novo, representa a possibilidade deste ser “natal” romper com as estruturas preestabelecidas no mundo. A existência da possibilidade de existir tal rompimento não, necessariamente, representa um cuidado com a humanidade ou preservação do mundo comum. Podemos concluir, refletindo sobre os conceitos de Arendt, que na educação deveria ser indispensável à apresentação de um mundo para os recém-chegados, e que também é preciso reconhecer os conceitos e as condições da natalidade, singularidade e pluralidade.

A natalidade representa o nascimento e a possibilidade do novo, porém não necessariamente o nascimento de um indivíduo e sua possível representação de algo novo possuem uma relação por si mesma positiva com a preservação da comunidade humana, continuidade e preservação do mundo, e responsabilidade pela chegada das novas gerações. O indivíduo novo, a partir de suas ações, pode também representar o oposto, ou seja, a

destruição da comunidade humana, do mundo e a indiferença sobre as futuras gerações.

Por outro lado, cada ser humano carrega seu universo próprio, ou seja, sua existência é singular, portanto suas ações serão sempre idiossincráticas, assegurando-se na hipótese de que, quando está principalmente no espaço público, suas ações e discursos se apresentam entre pessoas diferentes, pois “a pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá.” (ARENDRT, 2017, p. 10). Neste sentido, podemos pensar que a educação se torna a instituição que se localiza entre o espaço privado e o espaço público, cujo objetivo é apresentar e iniciar as crianças ao mundo, de forma que elas tenham senso crítico e reflitam sobre as respostas em relação a sua conservação, continuidade e convívio entre os indivíduos, pois sem esses pressupostos que ensejam assumir uma responsabilidade, o mundo de hoje parece ser regido pela imprevisibilidade. A responsabilidade, a partir da educação pode oferecer a nova geração uma energia para que o mundo seja protegido em relação a sua possível destruição.

Enfim, o esforço para se materializar essa dupla proteção em relação ao mundo e à criança possui como parâmetro de equilíbrio a responsabilidade dos pais/tutores. Essa responsabilidade dos pais/tutores para que amenize o conflito – com relação à fragilidade vital da criança diante do mundo – no desenvolvimento da criança tem uma estreita relação com a educação que eles tiveram, pois, no momento inicial, em parte são os pais a partir do espaço privado que irão escolher, decidir e se responsabilizar sobre o desenvolvimento de seus filhos. Por exemplo, se os pais decidem negligenciar os cuidados vitais de seus filhos ou a iniciação deles, na educação, o mundo, no conceito de Arendt, de fato sofrerá as consequências.

Por isso Arendt (2016) diz que os pais humanos se responsabilizam pela vida da criança e pela continuidade do mundo. Neste sentido pensamos que a responsabilidade dos adultos no espaço privado é um pressuposto fundamental para iniciar a criança no espaço da instituição escolar, onde os educadores e professores assumirão a responsabilidade pela educação da criança e por dar seguimento a transição delas do espaço privado para o espaço público, ou seja, nesse meio-termo, cuidar para elas entenderem o que significa assumir responsabilidade coletiva pelo mundo comum.

Para entender de fato o que significa ter responsabilidade coletiva pelo mundo e sua importância na educação, precisamos entender o conceito de mundo comum. Para Arendt (2017, p. 49),

[...] o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao vir e ir das gerações na medida em que aparece em público.

O mundo comum é constituído pelo discurso, ação e pelas obras⁸ dos seres humanos. A obra “é a atividade que corresponde à não-naturalidade [unnaturalness] da existência humana, [...] proporciona um mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural”. A própria palavra *mundo* faz parte de uma iniciativa humana, pois *etimologicamente*⁹, como todas as outras palavras, teve sua origem representada por um ato de criação e aceitação da comunidade. Tudo que é criado pelos seres humanos se constitui como mundo. E para que essa criação se torne real ela necessita da presença de outro ser humano, pois é na convivência entre os indivíduos que se constitui o espaço das aparências, isto é, o espaço público para a representação da realidade visível a todos. Hannah Arendt (2016, p. 9) afirma que a nossa convivência no mundo é constituída pela ação e que “a ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo.”

A educação da criança que se materializa na instituição escolar, a partir dos adultos deveria pretender apresentar de forma plural a tradição do mundo, acessando os fios do passado até chegar ao contexto do presente, para se possibilitar a construção do futuro. Portanto, a educação deveria cuidar para que se concretize a iniciação do recém-chegado ao espaço público. No que diz respeito à reflexão sobre educação em Hannah Arendt, entendemos que o conhecimento/tradição que os adultos decidem transmitir às crianças, na instituição escolar, poderá se manifestar – quando elas se tornarem também adultas – a partir de suas ações no mundo comum, visto que “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples de nosso aparecimento físico original.” (ARENDR, 2017, p. 219)

Uma vez que o mundo comum é produto das obras humanas, a ação e o discurso revelam a singularidade e pluralidade humana, representam em conjunto o relacionamento

⁸ A “obra” é uma das atividades da vida activa, portanto uma categoria aprofundada no livro *A Condição Humana* (2017) de Hannah Arendt. Ver capítulos I e IV.

⁹ A exemplo da língua portuguesa no Brasil, que é uma língua românica que foi originada a partir do latim vulgar. Isto quer dizer que de forma diacrônica ela foi sendo estruturada a partir de ações e discursos.

dos indivíduos no espaço público. Portanto,

se a ação, como início corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como um ser distinto e único entre iguais (ARENDDT, 2017, p.221)

Tais constatações de Arendt (2017) suscitam a reflexão de que os seres humanos são singulares e coabitam com a pluralidade, por isso necessitam de uma instituição que além de apresentar e iniciar as crianças no mundo, reconheça que o espaço de convivência entre os indivíduos decorra com o mínimo de respeito e regras, na esperança de que, quando a manifestação visível de suas ações se concretize em forma de atos ou palavras, ela também seja respeitosa frente aos outros singulares. Desse modo, a comunidade humana e o mundo poderiam estabelecer uma relação saudável para que coexistam de forma minimamente a preservar suas existências.

2.3 A ESCOLA, A RESPONSABILIDADE E O PASSADO

O espaço público, para Hannah Arendt, é o espaço da política, lugar da ação e palco da liberdade. E a instituição escolar se encontra em uma posição intermediária entre o espaço privado e o espaço público, por isso é pré-política. “Em ‘A crise na educação’, Arendt explica que a esfera educacional não é parte nem da vida privada, nem da vida pública, mas constitui uma espécie de esfera intermediária, em que os princípios de nenhuma das duas são válidos em sua totalidade” (ALMEIDA, 2011, p. 37). No entanto, é na instituição escolar que os adultos como professores e educadores se responsabilizam pela educação da criança e pelo mundo. De acordo com Arendt (2016, p. 239)

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por esse mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo.

Ponderando o conceito de Arendt e com base em nossas reflexões, pensamos que os professores têm como propósito fundamental, respaldados pelo seu conhecimento do mundo, se responsabilizar por ele. Com efeito, os professores buscam possibilitar às crianças, que estão em fase de desenvolvimento educacional e biológico – a partir da apresentação do mundo no qual vivem –, compreender a importância das experiências do passado e também

se indagam sobre como elas podem influenciar a capacidade desses futuros adultos de agir no espaço público. Sempre com respeito à pluralidade humana. Portanto, professores têm em vista a possibilidade de as crianças se sentirem pertencentes e participantes de um mundo que está em constante mudança. Por isso o papel dos professores e educadores se torna extremamente importante e sensível em relação ao destino do mundo comum.

A educação transmitida pelos professores no espaço escolar deve considerar a história pretérita do mundo até suas transformações e contextualidades do tempo presente; já que, para Arendt (2016, p. 244), o educador tem como “ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de modo que sua profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado”. Portanto,

[...] a função da escola é ensinar às crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver. Dado que o mundo é velho, sempre mais que elas mesmas, a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente (ARENDRT, 2016, p. 246).

Os educadores na instituição escolar, com base nas referências e experiências históricas que transmitem a partir da tradição do mundo, assumem a responsabilidade pela educação da criança e, conseqüentemente, pela continuidade do mundo. Desta maneira, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da criança com relação a sua iniciação no mundo comum. Os professores que se responsabilizam pelo mundo comum se tornam educadores responsáveis esperando que, futuramente, a criança se sinta pertencente ao mundo e livre para fazer parte de sua construção. Todavia ainda conseguem manter o vínculo que sustenta a geração atual à que está por vir.

Pensamos que o papel do professor está além de mostrar sua autoridade em relação à tradição, visto que sua função ainda possibilita a conexão da criança entre o passado e o presente. Sendo assim sustenta a apresentação do mundo comum aos educandos. Esse papel que é de grande relevância, também, está relacionado à manifestação de sua responsabilidade pela educação e a continuidade do mundo. É essa união em seu trabalho como educador que poderá suscitar a reflexão dos educandos a respeito de seu sentimento em relação ao mundo e seu passado, pois um mundo que não dá importância a sua tradição, e no qual não existe ninguém que assuma a responsabilidade por ele pode estar fadado à destruição. Por isso os professores se responsabilizam pela continuidade do mundo, já que sem essa responsabilidade, o mundo em Arendt perderia sua relação com a natalidade e conseqüentemente com as próximas gerações.

Segundo a concepção de Arendt (2016, p. 239),

[...] o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que ele é. Essa responsabilidade não é imposta aos educadores; ela está implícita no fato de que jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança.

Ao considerar falar sobre a responsabilidade dos adultos pelo mundo, com base na importância da tradição no âmbito educacional, pensamos que o professor pode expressar duas questões importantes para o aprendiz. A primeira é que o espaço público é o lugar onde transitam os adultos que constroem o mundo a partir de suas ações, obras e discursos; portanto é um espaço que está em contínua transformação. Os jovens são introduzidos nesse espaço através da escola e por intermédio dos adultos, por conseguinte carecem de compreender como exercer sua conexão com o passado, para que possam se identificar com alguma tradição e se sentirem participantes e possíveis renovadores do mundo comum.

Em segundo lugar, a escola é o lugar das crianças começarem a entender qual importância e significado o mundo tem para elas, dado que a instituição escolar é o espaço onde terão contato com as experiências do passado e com outros seres humanos singulares e distintos, a fim de que se iniciem no mundo e se sintam pertencentes a ele, uma vez que o mundo que está em constante mudança precisa ser organizado para preservar o convívio dos seres humanos e sua continuidade.

Compreende-se, assim, que a partir do desenvolvimento da singularidade e sentimento de pertencimento que foi estimulado pelos professores na educação, as crianças possam se envolver com o mundo, e conseqüentemente cuidar para que, quando adentrem o espaço público, continuem a desenvolver suas singularidades como pessoas adultas, e se tornem também representantes de sua geração, pois, desta maneira, podem assumir a responsabilidade pela preservação de um mundo que será entregue sempre à próxima geração. Então nessa ordem, as próximas gerações podem entender que existe uma responsabilidade coletiva pelo mundo que ultrapassa simplesmente o tempo da vida humana individual, por isso também precisam assumi-la. Caso não exista responsabilidade, as próximas gerações podem ser marcadas pela indiferença em relação ao mundo e se tornarem destinadas a se resignar diante do desmoronamento de um mundo que pode se tornar fadado à imprevisibilidade ou até mesmo a desordem.

A educação para Hannah Arendt (2016) é estabelecida entre o adulto e a criança, a

partir da relação entre o velho e o novo. O adulto tem a intenção de apresentar o mundo às crianças a fim de que estabeleçam suas conexões singulares com ele. O mundo como é constituído pelos adultos, está em constante transformação, portanto não podemos assegurar, com certeza, que sua continuidade e existência ocorram sem conflitos ou até mesmo sem seu desmantelamento, visto que “estamos sempre educando para um mundo que ou já está fora dos eixos ou para aí caminha” (ARENDR, 2016, p. 243). Entretanto, para que as crianças, apesar de tudo, se sintam pertencentes ao mundo, é necessário pensar em elementos na educação que precisam ser conservados, com a finalidade de que tanto os humanos quanto o mundo sejam protegidos.

Arendt (2016) nos faz refletir sobre o que devemos conservar na educação, a partir da abordagem de que a educação e o mundo em sua época atravessavam uma *crise de autoridade e tradição*¹⁰. A autora comenta que,

A fim de evitar mal-entendidos: parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa - a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumida implica, é claro, uma atitude conservadora. (ARENDR, 2016, p. 242)

O que mais chama atenção em relação a esse sentido conservador da atividade educacional é que, ao considerarmos que existem elementos que precisam ser preservados na educação, estamos refletindo de fato sobre a necessidade de estabelecer parâmetros básicos que buscam possibilitar uma relação mútua entre a criança, o adulto e o mundo. Em vista disso, esses elementos na educação criam um vínculo entre os velhos e os novos, possibilitando a proteção e abrigo das gerações vindouras.

Nesse sentido, a conservação tem como parâmetro garantir o acesso e convívio dos recém-chegados com os adultos que assumem responsabilidade pelo espaço público. Em vista disso, o conservadorismo tem como objetivo garantir minimamente a proteção e preservação do que foi conquistado na educação e na relação da responsabilidade do professor em educar a criança, estabelecendo assim um equilíbrio na relação entre o velho e o novo. Para Arendt (2016, p. 243) a preservação desses elementos na educação é premente porque “para preservar o mundo contra a mortalidade de seus criadores e habitantes, ele deve ser, continuamente, posto em ordem”.

¹⁰ Sempre que tratamos da responsabilidade pela educação e pelo mundo, como também da relação e importância do passado para a educação e para o mundo neste capítulo estamos nos referindo aos conceitos de autoridade e tradição em Hannah Arendt, porém a crise que engloba esses dois conceitos associados a questões da atualidade será retratada de forma mais aprofundada no capítulo II.

Se para transitar no espaço público, lugar da política em Hannah Arendt, é necessário lidar com a pluralidade humana, portanto com a singularidade de cada indivíduo, devemos considerar que para se relacionar nesse espaço entre os humanos é necessário sempre alguma organização mínima que permita os indivíduos agirem em liberdade para se relacionarem como iguais. Por isso,

Tal atitude conservadora, em política - aceitando o mundo como ele é, procurando somente preservar o *status quo* -, não pode senão levar à destruição, visto que o mundo, tanto no todo como em partes, é irrevogavelmente fadado à ruína pelo tempo, a menos que existam seres humanos determinados a intervir, a alterar a criar aquilo que é novo. (ARENDR, 2016, p. 242)

Cabe, então, traçarmos um paralelo entre o que devemos conservar na educação e sua relação com o mundo que precisa sempre ser posto em ordem. Porém, “o problema é simplesmente educar de tal modo que um por-em-ordem continue sendo efetivamente possível, ainda que não possa nunca, é claro, ser assegurado” (ARENDR, 2016, p. 243). Para Arendt (2016), a responsabilidade dos adultos pela educação dos recém-chegados está sempre amparada na esperança representada pelo novo, portanto pensamos que se a essência da educação é a natalidade, logo a natalidade se torna o fator principal a ser conservado. Sem o nascimento dos seres humanos, o mundo e a educação não existiriam, é por isso que a conservação da natalidade se relaciona com a continuidade e preservação do mundo.

Existe, também, um fator de preservação na escolha realizada pelos professores, no espaço escolar, a respeito das referências escolhidas na tradição para se apresentar o mundo às crianças. O professor precisará sempre escolher qual herança do passado irá transmitir com a intenção de educar o aluno, uma vez que, até o momento do ensino na instituição escolar, essa decisão do professor sobre o conhecimento que será transmitido se dá a partir de uma tradição que foi escolhida para ser conservada, no sentido de que as novas gerações sempre tenham acesso a essa tradição.

A escolha pela preservação desse conhecimento que foi elaborada pela decisão dos adultos, na verdade, não se torna imutável, porque uma atitude conservadora para Hannah Arendt, no ambiente educacional, não significa que devemos controlar os alunos ou ter uma atitude imutável com relação ao que foi escolhido para ser apresentado. O ensino pode mudar, se reestruturar ou continuar sendo válido em seu estado atual, contudo sua base precisa sempre ser preservada para que a partir de seu acúmulo, a estruturação básica possa ser compreendida e, futuramente, ser ou não reformulada.

De acordo com Arendt (2016), o espaço público é palco da ação dos adultos que, assim, sempre estão modificando esse lugar. Como o mundo precisa ser posto em ordem, porque “sempre está fora dos eixos”, intervir nele e transformá-lo, em simultâneo, manter sua existência, significa possibilitar a própria continuidade do mundo. Contudo, a relação dos humanos no mundo comum nunca deve ser conservada de modo imutável, pois para que todos os adultos sejam respeitados por suas ações e discursos que assumem dentro espaço público, assim como suas decisões com relação à renovação do mundo, eles precisam romper com esse estado de conservação.

A conservação está na condição de sustentar os pressupostos básicos para se possibilitar o desenvolvimento do aluno na educação, pois é preservando esse ambiente que possibilitamos que as atuais e novas gerações correspondam à esperança que é inerente a natalidade e singularidade que elas carregam e podem oferecer ao mundo.

Com relação a isso, Arendt (2016, p. 243) afirma que:

Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; ela deve preservar essa novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente à destruição.

A instituição escolar é o espaço de encontro entre o que é velho no mundo e o que é novo. O velho é representado pelos professores que, a partir de seu conhecimento sobre a tradição, apresentarão o mundo aos recém-chegados – que representam a nova geração – com intuito de iniciá-los no espaço público. Nessa relação, estabelecida no espaço escolar, fica explícito que a autoridade no sentido da responsabilidade dos adultos pelos alunos e pelo mundo, e a tradição no sentido da herança que devemos transmitir aos alunos, caracterizam uma das condições fundamentais para se constituir o espaço educacional. É nesse ponto que Arendt analisa, a partir da crise de autoridade e tradição, o cenário da educação e a conexão que essa crise educacional tem com o mundo comum. Entretanto, a autora deixa bastante claro seu ponto de vista em relação à esperança que representa o espaço escolar e nossa responsabilidade diante dos recém-chegados quando diz que:

A educação é um ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevisível para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 2016, p. 247)

O lugar da responsabilidade está no respeito que cada adulto tem por cada nascimento e respectiva singularidade que essas renovações representam para o mundo, em educar as crianças com o objetivo de ter liberdade para transitar, pertencer e renovar o mundo aceitando sua pluralidade, e conseqüentemente esperar que a educação contribua para que os recém-chegados assumam também responsabilidade pelo mundo.

A humanidade deve refletir sobre a importância que atribui ao seu passado, pois os pais e professores, a partir de suas respectivas responsabilidades pelas crianças e pelo mundo, nada seriam sem as referências e experiências que são narradas na forma do ensino a partir do acesso que eles tiveram à educação.

Os professores carregam um papel fundamental, pois se tornam a ponte que conduz a criança do passado para o presente possibilitando se relacionar com o futuro. Sem a autoridade e tradição na educação, parece que o mundo está destinado à ruína. É com base nessa premissa que Hannah Arendt (2016) nos faz pensar na crise de autoridade e tradição na educação e no mundo. Trataremos dos “sintomas” que essa crise tem gerado na educação e no mundo e se de fato existem outras formas de enxergar a relação da educação com o mundo. Contudo, concordamos que devemos eleger à educação como condição primordial para se alcançar a responsabilidade pela preservação e continuidade da humanidade e do mundo, para que essa relação não sucumba ao falacioso ciclo de desesperança.

3 A CRISE DE AUTORIDADE E TRADIÇÃO

- *Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela tua rosa...*
Antoine de Saint-Exupéry¹¹

No primeiro capítulo apresentamos e ponderamos a partir de nossas compreensões alguns conceitos da teia conceitual de Arendt associados à educação, ao mundo e à relevância da autoridade e tradição. Discutimos como a autoridade corresponde à responsabilidade que o adulto assume nos âmbitos: público, privado e da instituição escolar com relação ao recém-chegado. Além disso, analisamos a relação entre a tradição e a herança histórica do conhecimento que os professores – cada um em sua especialidade – buscam transmitir no âmbito escolar à criança que está em fase de desenvolvimento para sua vida adulta.

Objetivamos, nesse capítulo, aprofundar a concepção de que o processo de transmissão de conhecimento dos adultos para as crianças tem sido influenciado por uma crise intergeracional que se fundamenta na falta de comunicação, compromisso e entendimento entre essas duas gerações. Esse deslocamento ou desaparecimento da responsabilidade da geração atual de adultos será analisado a partir do conceito de crise de autoridade e tradição em Hannah Arendt, e uma possível relação com o estado mais atual dessa crise que se materializa durante e após a revolução informacional e tecnológica que aconteceu na modernidade.

A crise de autoridade e tradição será retratada com base em sua possível transposição de responsabilidade na relação de ensino entre adultos e crianças. Portanto, compreender a crise proporciona a oportunidade de entendermos que influência a educação das crianças firma nas relações que estabelecerão futuramente como adultos livres no espaço público e na sua constituição como indivíduos na civilização. Respaldados pelo conceito arendtiano de *autoridade*, no sentido quase que restrito de *responsabilidade* pela educação e pela preservação do mundo, pretendemos aprofundar a relação da autoridade com a crise intergeracional que existe entre adultos e crianças e como a crise afeta a importância que as novas gerações atribuem à tradição e o vínculo que criam com ela. Logo, indagaremos de que forma essa crise afeta os discursos e ações no mundo contemporâneo e suas relações com a

¹¹ O pequeno príncipe (2009, p. 72)

falta de respeito à pluralidade humana.

A “promessa” dos adultos para recordar a tradição e se responsabilizar pelo mundo é o pilar que sustenta o conceito de autoridade, por isso é de fundamental importância o aprofundamento dessa noção para entender a crise na educação, e as relações que os adultos e crianças estabelecem com a transmissão do conhecimento, o passado e a tradição. Entender os conceitos de ensino/aprendizagem e esquecimento/memória no processo educacional é de grande importância para compreender o rumo que está tomando a educação. Uma vez que os adultos perdem a capacidade de transmitir uma herança para as crianças que estão sendo educadas no espaço da instituição escolar – e que são recém-chegadas em nosso mundo – estamos cortando o vínculo que elas podem estabelecer com o conhecimento e o mundo. Em razão desse corte traumático que podemos analisar o impacto da crise de autoridade e tradição, e sua relação com o ensino e aprendizagem da educação atual.

Por fim, apresentaremos um olhar crítico sobre o conceito de educação do ponto de vista das *pedagogias da autonomia*, como a tendência da educação moderna não diretiva focada no indivíduo que faz o contraponto com as perspectivas de Arendt em seus conceitos de autoridade e tradição na educação. A análise dessa tendência é de fundamental importância a fim de entender que o deslocamento dessa autoridade do professor para o educando, e do pai para o filho, pode mostrar que a educação básica e o espaço privado são atingidos por uma crise mais ampla na civilização atual.

3.1 AUTORIDADE: A CRISE DE RESPONSABILIDADE

No começo do ensaio *O que é autoridade?*, a filósofa Hannah Arendt (2016, p. 127) afirma que “para evitar mal-entendidos, teria sido muito mais prudente indagar no título: O que foi - e não o que é - autoridade?”. Esse início retrata o princípio do pensamento de Arendt sobre a crise de autoridade no mundo moderno. Nesse ensaio, a pensadora faz uma progressão histórica do conceito de autoridade de forma genealógica mostrando sua relação com a política e as formas de governos em cada época específica. Em consonância com sua abordagem sobre a especificidade do conceito, Arendt (2016, p. 128-129) ressalta que “a autoridade que perdemos no mundo moderno não é esta ‘autoridade em geral’, mas antes uma forma bem específica, que fora válida em todo mundo ocidental durante longo período de tempo.”

Embora não seja o objetivo central do capítulo aprofundar o debate que é feito no ensaio com relação aos conceitos históricos e específicos de autoridade, que são desenvolvidos em seu texto, teremos como orientação esse ensaio para compreender a autoridade no que diz respeito não somente à política – pois apesar de concordarmos que “essa crise, manifesta desde o começo do século, é política em sua origem e natureza” (ARENDT, 2016, p. 128) –, mas também no que concerne ao foco da reflexão, isto é, o fato de que a crise de autoridade chegou a um nível tão alarmante que se espalhou para o âmbito pré-político, portanto para o espaço privado e à educação. Arendt (2016, p. 128) diz que:

O sintoma mais significativo da crise, a indicar sua profundidade e seriedade, é ter ela se espalhado em áreas pré-políticas tais como a criação dos filhos e a educação, onde a autoridade no sentido mais lato sempre fora aceita como uma necessidade natural, requerida obviamente tanto por necessidades naturais, o desamparo da criança, como por necessidade política, a continuidade de uma civilização estabelecida que somente pode ser garantida se os que são recém-chegados por nascimento forem guiados através de um mundo preestabelecido no qual nasceram como estrangeiros.

Com referência a essa crise, o objetivo é compreender por qual motivo a comunidade humana – a exemplo do Brasil – tem se afastado ou extinguido seu vínculo com essa experiência de autoridade, no sentido do compromisso dos adultos no ambiente educacional e privado, e se existe um substituto para essa relação de autoridade ou se os adultos transferiram suas responsabilidades para as novas gerações ou para as novas tecnologias de informação (TICs)¹². A compreensão dessa crise na responsabilidade dos adultos pelas crianças pode contribuir para entender até que ponto o compromisso dos adultos se torna necessário para a educação e para o mundo, e qual é sua influência na construção ou desconstrução do mundo na atualidade.

No primeiro capítulo, afirmamos que o conceito de autoridade no âmbito pré-político está relacionado à responsabilidade que o adulto assume em relação à criança, pois a partir dessa perspectiva partiremos do princípio de que a responsabilidade é fator fundamental para se instituir o elo entre a preservação do mundo e sua continuidade. Dessa maneira, a relação que existe entre a geração atual e a dos que estão chegando no mundo precisa estabelecer um compromisso para aprender a se relacionar com a pluralidade e singularidade humana e à vista disso construir suas obras e poder agir em liberdade a partir do convívio no espaço público.

O espaço pré-político, que para Arendt corresponde ao âmbito familiar e à instituição

¹² Esse tema será aprofundado no tópico 3

escolar, historicamente teve como alicerce o respeito à autoridade dos adultos. Para fundamentar o conceito de autoridade associado à política a datar da concepção histórica, Arendt (2016) se remete à experiência política de governo da fundação de Roma, segundo uma visão platônico-aristotélica que passa pela compreensão do conceito da Pólis. Então,

Foi nesse contexto que a palavra e o conceito de autoridade apareceram originalmente. A palavra *auctoritas* é derivada do verbo *augere*, “aumentar”, e aquilo que a autoridade ou os de posse dela constantemente aumentam é a fundação. Aqueles que eram dotados de autoridade eram os anciãos, o Senado ou os *patres*, os quais a obtinham por descendência e transmissão (tradição) daqueles que haviam lançado as fundações de todas as coisas futuras, os antepassados chamados pelos romanos de *maiores*. (ARENDR, 2016, p. 163-164)

A essência do conceito de autoridade retratado por Arendt se fundamenta no respeito à fundação. Em vista disso, tem como estrutura a transmissão da tradição dos antepassados pelos que estão vivos. “Para os romanos a fundação pertencia a um tempo sagrado. Ela era intocável e não dependia mais da ação humana. Os cidadãos, no entanto, deviam garantir a tradição dessa experiência, ou seja, assegurar que o testemunho da fundação fosse transmitido de geração para geração” (ALMEIDA, 2011, p. 42). Esse é o ponto de partida para entender a origem da crise moderna de autoridade na atualidade. Hoje, o respeito pelo passado e por nossos antepassados deixou de ter um peso relevante. Vemos isso na política e na esfera da educação.

Nosso foco situa-se na crise da autoridade no âmbito pré-político para poder estabelecer sua conexão com a transferência da responsabilidade do adulto para a criança ou as tecnologias de informação (TICs) e sua possível perda de capacidade de *fazer e cumprir promessas*¹³. A capacidade de prometer é inerente a uma concepção de educação cujo sentido é constituir “uma espécie de cuidado com o mundo, uma maneira pela qual os homens afirmam a grandeza de algumas de suas obras, linguagens e formas de compreensão” (CARVALHO, 2017, p. 37). Antes de garantir o ensino e a transmissão da tradição para a geração de recém-chegados é necessária a formulação da promessa que instituirá a responsabilidade pela defesa da educação e do mundo que uma comunidade humana tem como orientação.

Atualmente, observa-se que, tanto no domínio privado quanto no público, falar sobre a crise de autoridade na educação se torna um tema indelicado e muitas vezes mal interpretado,

¹³ Friedrich Nietzsche usa o termo “promessa” no início da segunda dissertação em sua obra *Genealogia da Moral* (2009). Iremos conectar a relação entre autoridade, responsabilidade e promessa a partir da abordagem de Nietzsche sobre promessa e responsabilidade, e o tópico “A imprevisibilidade e o poder de prometer” no “capítulo V - AÇÃO” da obra *A condição humana* (2017) de Hannah Arendt.

pois a autoridade é normalmente associada a um poder que emana da violência ou a uma superioridade incontestável. Regularmente o termo “autoritarismo” é correlacionado com a palavra autoridade.

Arendt (2016) já escrevia sobre esse impasse, dizendo que por exigir obediência à autoridade é confundida com a violência e a utilização da coerção, no entanto, sua definição se fundamenta em uma hierarquia predeterminada e reconhecida por ambos. Nesse sentido, a autoridade está presente na relação de respeito. No ensino-aprendizagem, temos a relação entre aquele que detém o acúmulo de experiência sobre um determinado assunto ou prática e o outro que necessita obter essa experiência ou conhecimento. Almeida (2011, p. 42) observa que “a autoridade da fundação, portanto, não operava por meio de coerção, nem por meio de persuasão, mas se baseava no reconhecimento de sua legitimidade por todos os envolvidos.” Ponderamos que essa afirmação também é válida para as relações intergeracionais no âmbito da educação. Embora a autoridade pressuponha uma relação hierárquica, essa relação não precisa recorrer à força porque de antemão é reconhecida como legítima, no que diz respeito ao vínculo existente entre adultos e crianças. No entanto, essa autoridade perdeu seu lugar legítimo no mundo moderno e na educação.

Arendt (2016, p.229) considera que:

Assim, o que torna a crise educacional na América tão particularmente aguda é o temperamento político do país, que espontaneamente peleja para igualar ou apagar tanto quanto possível as diferenças entre jovens e velhos, entre dotados e pouco dotados, entre crianças e adultos e, particularmente, entre alunos e professores. É óbvio que um nivelamento desse tipo só pode ser efetivamente consumado às custas da autoridade do mestre ou às expensas daquele que é mais dotado, dentre os estudantes.

O trecho retrata a crise educacional da América em um determinado momento, porém a crítica com relação à crise de autoridade entre “jovens” e “velhos” se torna bem atual, tanto na política quanto no ambiente familiar e na escola. Portanto, pensar a crise sem preconceitos é de fundamental importância para se entender sua origem e para podermos estabelecer novas respostas ou perspectivas, pois Arendt (2016, p. 223) diz que “uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos”.

Para aprofundar a reflexão sobre a crise de autoridade no espaço pré-político, primeiro devemos continuar a investigação sobre o que pensa Arendt em seu ensaio *A crise na*

educação. Nele, a pensadora escreve sobre *três pressupostos básicos*¹⁴ que precipitaram a crise do sistema educacional da América, em sua época, e que ganharam evidência no mundo e conseqüentemente no Brasil na atualidade. Esses pressupostos serão abordados a partir de sua convergência com a necessidade imposta da autoridade a respeito do ensino e da aprendizagem. Eles serão tratados de forma simples e basilar para orientar o aprofundamento de outras reflexões sobre a crise de autoridade e tradição no âmbito privado.

O primeiro pressuposto, e um dos mais importantes neste trabalho com relação à transferência da responsabilidade, “é o de que existe o mundo da criança e uma sociedade formada entre crianças, autônomas e que se deve, na medida do possível, permitir que elas governem. Os adultos aí estão apenas para auxiliar esse governo” (ARENDDT, 2016, p. 229).

Já destacamos, no primeiro capítulo, que no conceito de Arendt o adulto a partir de sua responsabilidade pela educação, ensino e preservação do mundo, no espaço público, sustentado pelo ambiente político é o indivíduo responsável que detêm a possibilidade de mudar as regras estabelecidas em uma civilização. O pressuposto em questão inverte essa relação lógica, inclusive de ensino, aprendizagem e governo, transpondo a responsabilidade e autonomia para as crianças.

Arendt (2016, p. 230) afirma que “as relações reais e normais entre crianças e adultos, emergentes do fato de que pessoas de todas as idades se encontram sempre simultaneamente reunidas no mundo, são assim suspensas”. Por conseguinte, a criança que de forma intrínseca tem dificuldade de sustentar sua individualidade biológica e intelectual com autonomia no mundo público e privado, se “liberta” da relação de autoridade do adulto, e com essa suspensão, assume autoridade sobre sua independência na educação e entre as crianças. O adulto estabelece no máximo uma relação de mediador. A pensadora entende de forma crítica que “ao emancipar-se da autoridade dos adultos, a criança não foi liberada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria” (ARENDDT, 2016, p. 230), referindo-se à tirania que a criança sofre por parte de seus pares.

Em oposição a esse primeiro pressuposto, consideramos que a educação básica da criança se estabelece no domínio privado e na instituição escolar e se fundamenta na relação de ensino e aprendizagem, que pressupõe uma hierarquia – não de poder e sim de responsabilidade pelo ato educativo – entre adultos e crianças. Entretanto, na modernidade,

¹⁴ Neste tópico trataremos do primeiro pressuposto, e os outros dois serão tratados no próximo tópico “Tradição: a crise de recordação”.

essa dependência que deveria ser lógica entre adultos e crianças foi transformada, uma vez que observamos que a educação contemporânea tem adotado outras tendências e discursos, sustentadas na vertente de correntes pedagógicas e teorias educacionais relacionadas a autonomia do educando.

Para Lefort (1999), “um projeto de educação sempre traz a marca de uma interpretação do homem e da sociedade”. Procuraremos entender de forma crítica, no que segue, esse projeto de educação, que “liberta” as crianças da autoridade do adulto e tem como parâmetro uma “cultura infantil” que é focada na responsabilidade da criança pelo processo educacional e na sua autonomia em face de outras crianças e conseqüentemente em relação aos adultos. Para fundamentar essa concepção de infância utilizaremos como referência o conceito de Crislei Custódio (2016, p. 91) de *infância ensimesmada*, que

consiste na representação de um universo infantil quase que autorrealizado, dotado de um fim em si mesmo, [...] seja em direção à formação de certo tipo de adulto ou como fonte de inspiração de um novo estatuto de humanidade. Dessa forma, o termo *ensimesmado* não visa atribuir conotação pejorativa a essa imagem da infância, mas relaciona-se a uma abordagem que percebe a criança como um ser imerso em seu mundo e como sujeito produtor de uma cultura infantil.

Neste sentido, entendemos que a imagem do conceito de infância ensimesmada não necessariamente retrata algo negativo, porém pensamos que a emancipação da criança com relação ao adulto – no ambiente privado e educacional – é a essência da crítica que iremos contrapor a alguns conceitos de teorias pedagógicas da atualidade, cujos discursos estão ligados à concepção de que o aluno, se torna protagonista do ato educativo na instituição escolar e de que o professor se torna apenas mediador ou facilitador do ensino-aprendizagem.

Essas teorias pedagógicas são intituladas por Barbosa (2008) de *pedagogias da autonomia*, que têm a sua centralidade na não interferência do educador em relação aos alunos, pois eles se tornam protagonistas do ato educativo e convivem em seu ambiente escolar a partir das vivências e do autogoverno. Portanto, suas decisões são tomadas em grupo e decididas através de conselhos ou assembleias. Um exemplo clássico é a escola de Summerhill, eleita a escola mais democrática do mundo.

Carvalho (2010, p. 846,) comenta que “a afirmação e a promoção da autodeterminação e do autogoverno dos destinatários da educação como signos de ‘liberdade’ parece ser o denominador comum entre as diversas perspectivas educacionais que Barbosa (2008) agrupa sob a denominação de ‘pedagogias da autonomia’”.

No ensaio *Que é liberdade?* (2016) e no livro *A condição Humana* (2017), Arendt deixa claro que a liberdade só é possível a partir da pluralidade humana, ou seja, os seres humanos adultos em coletividade no domínio público – espaço da política – decidem entre iguais e com base em seus discursos e ações como será a constituição de sua civilização. No entanto, refletimos com Arendt, que se o ambiente da instituição escolar básica é pré-político, são os adultos que a partir da política decidem sobre leis, estrutura e pedagogia que se tornará vigente nesse espaço educacional.

O objetivo não é discutir os cargos, ideologia ou governo que representam alguma autoridade para se fazer essas mudanças, porém deixar claro que o adulto seja ele pai/tutor, político ou professor dessa criança é o indivíduo que detêm essa autoridade, possibilitando a construção, preservação e possíveis transformações dos espaços de educação. Dito isto, é válido ressaltar o entendimento de que o tipo de ideologia que sustenta a autoridade política na atualidade é fator determinante para influenciar o tipo de política educacional que será imposta a essa geração que terá acesso à instituição escolar.

Para entender melhor o movimento na modernidade que a educação de crianças tem tomado, a partir de sua relação com novas tendências e discursos relacionadas a autonomia do educando no processo educativo, devemos refletir sobre a crítica a esse tipo de educação, centrada no autogoverno da criança em relação a seu ensino e aprendizagem. Para Carvalho (2010, p. 845-846):

Nelas [as pedagogias da autonomia] o compromisso da educação com a “liberdade” realiza-se na medida em que as práticas pedagógicas evitem interferências exteriores ao sujeito, alheias à sua cultura ou mesmo inadequadas às supostas características de sua faixa etária. Daí, por exemplo, a frequente substituição do termo “professor” por “mediador”, “facilitador da aprendizagem”; signos da recusa à noção de “ensino” em favor de uma alegada “aprendizagem não diretiva” e da valorização de uma suposta “cultura infantil”.

Nessa tendência da educação moderna pode-se constatar exatamente onde a crise de autoridade se localiza, pois

sabemos todos como as coisas andam hoje em dia com respeito à autoridade. Qualquer que seja nossa atitude pessoal face a este problema, é óbvio que, na vida pública e política, a autoridade ou não representa mais nada [...], ou, no máximo, desempenha um papel altamente contestado. (ARENDR, 2016, p. 239-240).

Sem essa representação a responsabilidade que seria do adulto é transferida para a criança. A crítica em relação a essa transferência, segundo Carvalho (2010, p. 848), diz respeito à impossibilidade da escola, seja ela qual for, fazer um simulacro da vida pública, pois “a complexidade do mundo público, os conflitos que o marcam, não são reproduzíveis no

âmbito escolar”. Então ceder essa responsabilidade é perder a oportunidade de apresentar o mundo e conseqüentemente a oportunidade de sua renovação.

Compreendemos que essa responsabilidade que é concedida ao indivíduo aprendente na educação de crianças como centralidade para a liberdade é duvidosa, já que é difícil existir o autogoverno nas escolas que assumem que a criança é independente e responsável pelos seus atos, quando elas sempre estarão de qualquer forma sujeitas à política, uma vez que para Arendt a educação é pré-política e a liberdade é própria da política, o ambiente escolar tem o intuito de apresentar o mundo à criança e não de reproduzi-lo. Em vista disso,

Parece óbvio que a educação moderna, na medida em que procura estabelecer um mundo de crianças, destrói as condições necessárias ao desenvolvimento e crescimentos vitais. Contudo, choca-nos como algo realmente estranho que tal dano ao desenvolvimento da criança seja o resultado da educação moderna, pois está sustentava que seu único propósito era servir a criança, rebelando-se contra os métodos do passado por não levarem suficientemente em consideração a natureza íntima da criança e suas necessidades. “O século da criança”, como podemos lembrar, iria emancipar a criança e liberá-la dos padrões originários de um mundo adulto. (ARENDR, 2016, p. 236-237)

A crítica reflexiva a uma educação progressista focada em uma infância ensimesmada não tem como objetivo esgotar ou generalizar o debate sobre as pedagogias que sustentam e defendem uma visão que prioriza a autonomia da criança e seu exercício de uma cultura infantil, porém a partir dessa crítica determinamos como ponto fundamental aprofundar a reflexão filosófica sobre como esse movimento prático e teórico – que tratamos como sintoma – de uma parte da educação moderna, tem demonstrado exatamente onde acontece o deslocamento da responsabilidade do adulto para a criança criando assim uma crise intergeracional.

Considerando as crianças que são recém-chegadas no mundo e que, normalmente, iniciam sua vida no âmbito privado, e logo entram na instituição escolar para aprender a se relacionar no âmbito público, e que tanto a infância quanto a educação básica são temporários e duram até a fase da maioridade, podemos observar que estabelecer um mundo de crianças ou dar autonomia a elas é, na verdade, um desencadeamento ainda maior da crise. Segundo Arendt, essa crise está relacionada à falta de atitude dos adultos que se isentam da responsabilidade que lhes cabe.

Isso, contudo, simplesmente significa, em essência, que as pessoas não querem mais exigir ou confiar a ninguém o ato de assumir a responsabilidade por tudo o mais, pois sempre que a autoridade legítima existiu ela esteve associada com a responsabilidade pelo curso das coisas no mundo. Ao removermos a autoridade da vida política e pública, pode ser que isso signifique que, de agora em diante, se exija de todos uma igual responsabilidade pelo rumo do mundo. Mas isso também

pode significar que as exigências do mundo [...] estejam sendo [...] repudiados (ARENDR, 2016, p. 240).

O “século da criança” que emancipa o período infantil do mundo adulto se torna contraditório quando a própria terminologia “período” exige um final, pois as leis de um país e os direitos humanos, em geral, versam e sustentam-se sobre esse decurso e exigem dos adultos deveres e cuidados no âmbito privado/público e da instituição escolar com as crianças. As obrigações intrínsecas à responsabilidade que os adultos assumem, nessa situação, são passíveis do estado requerer a guarda da criança e delegar possíveis punições para atos que sejam contrários à determinação de algumas leis.

Pensamos com Arendt e para além de seus conceitos, que essa remoção ou transposição da autoridade do adulto com relação à criança, demanda uma exigência no mínimo igual de responsabilidade entre ambos no mundo. Os discursos e ações que movem essa experiência, teoria e desejo de um mundo que não é mais sustentado pela autoridade, “pode também significar que as exigências do mundo e seus reclamos de ordem estejam sendo consciente ou inconscientemente repudiados; toda e qualquer responsabilidade pelo mundo está sendo rejeitada, seja a responsabilidade de dar ordens, seja a de obedecê-las” (ARENDR, 2016, p. 40)

É nesse ponto que emerge o sintoma que torna evidente a crise de autoridade no mundo moderno. O sintoma expõe o caminho que nós decidimos retratar e relacionar e, com efeito, é um indicador de que na crise de autoridade no mundo moderno existe uma correlação entre a transferência da responsabilidade e a incapacidade do adulto para *cumprir promessas*.

Então, para pensar a conexão entre autoridade, responsabilidade e promessa, recorreremos à reflexão de Nietzsche (2009, p. 43) em *Genealogia da Moral*. Sua indagação é o ponto crucial para o aprofundamento da reflexão: “criar um animal que pode fazer promessas - não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? Não é este o verdadeiro problema do homem?”.

Arendt (2017, p. 303-304) comenta que,

Nietzsche, com sua extraordinária sensibilidade para os fenômenos morais - a despeito de seu moderno preconceito de enxergar a fonte de todo poder na vontade de poder do indivíduo isolado -, viu na faculdade de prometer (a “memória da vontade”, como ele a chamou) a verdadeira diferença que distingue a vida humana da vida animal.

De fato, uma das grandes diferenças entre a vida humana e a vida animal é a capacidade do ser humano de fazer promessas. Arendt (2017) no tópico *A imprevisibilidade e*

o poder de prometer escreve sobre a relação que a promessa tem com o conceito de ação e sua inerente capacidade de romper com qualquer previsibilidade no mundo. E explica como as “teorias de contrato” por muito tempo ocuparam o centro do pensamento político. Entendemos a teoria de contratos como acordos e tratados de uma civilização para determinar os limites de convivência em um domínio público em respeito ao convívio com a pluralidade humana.

No início do tópico, apresentamos que toda autoridade como responsabilidade é proveniente do indivíduo político adulto, pois o momento que a responsabilidade é colocada no mundo comum como discurso, se realiza possivelmente na ação a partir primeiramente de uma promessa.

Esta é a longa história da origem da *responsabilidade*. A tarefa de criar um animal capaz de fazer promessas, já percebemos, traz consigo, como condição e preparação, a tarefa mais imediata de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante, e, portanto, confiável. (NIETZSCHE, 2009, p. 44)

Isto posto, compreendemos que o espaço da educação também é o espaço de aprender a compreender a responsabilidade pela promessa. O único lugar que modifica e ressignifica a promessa no âmbito público é o lugar da liberdade política. No entanto, para se pensar a liberdade política é necessário que a educação apresente o mundo de forma que esse indivíduo recém-chegado estabeleça relação com ele e sinta-se livre para poder agir com liberdade na comunidade política que reside.

Neste ponto, observamos que a teia conceitual de ação, discurso, natalidade, autoridade e tradição em Arendt não tem o intuito de defender ou responder o problema da crise de autoridade, ou os problemas que ocorrem na educação, porém leva-nos a refletir com a autora sobre o que pode causar a crise:

[...] sem a ação e o discurso, sem a articulação da natalidade, estaríamos condenados a voltar incessantemente no ciclo sempre-recorrente do devir, também sem a faculdade de desfazer o que fizemos e de controlar, pelo menos parcialmente, os processos que desencadeamos, seríamos vítimas de uma necessidade automática, com todas as marcas das leis inexoráveis que, segundo as ciências naturais anteriores à nossa época, se supunha que constituíam a característica proeminente dos processos naturais (ARENDR, 2017, p. 304-305)

Observamos na atualidade que a crítica de Arendt é pertinente, pois a aceleração no acesso à informação traz essa percepção de “ciclo sempre-recorrente do devir”, e em uma sociedade que prioriza o consumo e produção, os indivíduos acabam tornando-se vítimas das “necessidades automáticas”. Um espaço político que a autoridade parou de existir e fazer parte do convívio dos indivíduos, parece influenciar o aumento do movimento de coisificação

e reificação nos processos humanos.

Por fim, pensamos que a crise de autoridade como rejeição ou transferência da responsabilidade pelo mundo e pela criança, é, na verdade, uma crise intergeracional sustentada pela incapacidade do adulto assumir a promessa de introduzir a geração por vir no mundo comum. E para prometer, os seres humanos precisam recordar, a consciência precisa ter memória e a memória precisa de um passado. Por esse motivo, “a crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado” (ARENDR, 2016, p. 244). A responsabilidade que uma geração de adultos carrega é, na verdade, uma promessa que assumem diante de um mundo que precisa dar significado às heranças que possui, e em sua melhor forma educar a geração de recém-chegados para que renovem ou sustentem a tradição. E isso, em nossa concepção só pode ser feito a partir da recordação de um passado que sustenta o legado de uma civilização.

3.2 TRADIÇÃO: A CRISE DE RECORDAR

A crise de autoridade como escreveu Hannah Arendt, tem uma estreita relação com a crise de tradição na educação, e conseqüentemente no mundo moderno. A pensadora comenta que “historicamente, podemos dizer que a perda da autoridade é meramente a fase final, embora decisiva, de um processo que durante séculos solapou basicamente a religião e a tradição” (ARENDR, 2016, p. 130). Entendemos nesse contexto, assim como Arendt, que a religião e a tradição foram experiências políticas como a autoridade, porém não aprofundaremos a ideia de Arendt sobre a questão específica da religião. Assim como a autoridade, o conceito e importância que foi concedido à tradição, foi mudando no decorrer do processo histórico. Logo, refletiremos sobre o conceito específico em Arendt, a partir de do seu ensaio sobre a crise na educação.

O conceito de tradição em Arendt, no âmbito da educação, significa o acesso às heranças do passado, no que se refere a transmissão de um determinado conhecimento pelos adultos na instituição escolar para os recém-chegados no mundo. Na atualidade, observamos que as decisões sobre as escolhas do que será transmitido (em forma de currículo no espaço escolar) são feitas por influência política, da instituição escolar e do ambiente privado.

De modo geral, a tradição fundamenta-se na importância, no significado e no respeito que os seres humanos estabelecem com o passado. A tradição transfere ou transmite “algo” de

um indivíduo para o outro, em outras palavras, pensamos ser o que vincula duas gerações.

Essa transmissão que pensamos como uma herança, que na educação é estabelecida entre adultos e crianças, será analisada como o fio condutor que une uma geração a outra. Desse modo, a crise de tradição que abordaremos a partir das reflexões de Arendt, sustenta-se no possível rompimento ou transferência do vínculo – transmissão de uma herança – que interliga duas gerações, pois a quebra desse vínculo pode significar que a humanidade está com dificuldade de recordar heranças necessárias e relevantes no passado que sustentam minimamente ou de forma ampla a preservação e a possibilidade de mudança em uma civilização.

Historicamente a transmissão de conhecimento era estabelecida por quem tinha mais experiência – os mais velhos ou antepassados –, portanto exigia um respeito pela memória, que conservava o passado. O acúmulo de teorias, a experiência oral e prática eram de grande importância para algumas civilizações antigas. Em vista disso, Arendt (2016, p.244) descreve que,

era da essência da atitude romana (embora de maneira alguma isso fosse verdadeiro para qualquer civilização, ou mesmo para a tradição ocidental como um todo) considerar o passado *qua* passado como um modelo, os antepassados, em cada instância, como exemplos de conduta para seus descendentes; crer que toda grandeza jaz no que foi, e, portanto, que a mais excelente qualidade humana é a vida *profecta*; que o homem envelhecido visto ser quase um antepassado, pode servir de modelo para os vivos.

É no passado que se encontra tudo que foi deixado como história na humanidade. Em outras palavras, era o conhecimento dos antepassados, que os adultos assumiram como responsabilidade para proteger, como um fio que une essas experiências até o tempo presente. Refletimos a partir dos conceitos arendtianos, que para assumir essa responsabilidade, os adultos precisam assumir uma promessa, pois deixar a responsabilidade por essa promessa de lado é conviver com a possibilidade de um mundo marcado pelo esquecimento e à vista disso o acesso à tradição pode se tornar definido apenas pela memória de um passado recente.

Nessa perspectiva, é na instituição escolar, a partir do ensino-aprendizagem entre adultos e crianças, que ocorre o relacionamento dos educandos/professores com a herança que escolhem transmitir. É na tradição que os adultos podem dar significados representativos da história com o propósito de iluminar as concepções significantes do presente. Com isso podem assumir suas responsabilidades no presente para construir sua relação com o futuro.

Neste ponto, pensamos que entender a abordagem conceitual de Michael Oakeshott

em *Learning and teaching* (1968), “Aprendizagem e ensino” é de fundamental importância para estabelecer a conexão entre ensino-aprendizagem e o conceito de crise na tradição em Hannah Arendt. O objetivo é entender e relacionar os conceitos de ensino-aprendizagem como sustentáculo da relação entre professores e alunos, que em conjunto possibilitam a transmissão da tradição no ambiente educacional. Desse modo, objetivamos entender como a crise que ocorre na transmissão dessa herança contribui como um sintoma observável de uma geração com dificuldade de assumir responsabilidade pela preservação e convivência em um mundo comum.

A respeito do ensino-aprendizagem e sua relação com a herança, Oakeshott (1968, p. 243) comenta que:

Todo ser humano nasce herdeiro de um legado que só pode incorporar mediante um processo de aprendizagem. [...]. Mas a herança de que falo é muito diferente; para ser preciso, também difere da descrição que dela faço. Todo homem nasce herdeiro de um legado de realizações humanas; uma herança de sentimentos, emoções, imagens, visões, pensamentos, crenças, ideias, compreensões, empresas intelectuais e práticas, linguagens, relações, organizações, cânones e normas de conduta, procedimentos, rituais, habilidades, obras de arte, livros, composições musicais, ferramentas, artefatos e utensílios, em resumo, o que Dilthey chamou *geistige Welt*. (OAKESHOTT, 1968, p. 243)

Os herdeiros, portanto, só podem se apropriar de sua herança por meio da aprendizagem e cabe àquele que ensina, iniciá-los nesse legado.

Nesse sentido, podemos ver que a concepção de crise na tradição também diz respeito à possível falta de importância que o adulto assume em relação ao ensino-aprendizagem, no ambiente privado e na educação. Assim como, um possível deslocamento do respeito que ocorre no ensino da tradição no ambiente escolar, para a representação de que a criança, por possuir fácil acesso à informação, a partir das novas tecnologias de comunicação, possui o conhecimento necessário para concretizar com autonomia a sua educação e preparar-se para sua maioridade. Em oposição a isso, pensamos que o acesso à informação não pode ser confundido com a formação e que uma opinião nem sempre é um argumento bem qualificado.

Isto posto, o não cumprimento da promessa dos adultos para recordar a tradição no âmbito privado e educacional, pode estar influenciando para que a geração de recém-chegados viva em um mundo que possivelmente se ampara na *superfluidade, aceleração, facilidade do acesso à informação e esquecimento*¹⁵. Nesse contexto, os recém-chegados podem estar se afastando de uma tradição que é muito mais antiga do que o acesso que a memória tem de um

¹⁵ Esses termos serão abordados com maior aprofundamento no tópico 3 A crise Intergeracional.

passado recente. Suspeitamos que a modernidade e as novas tecnologias são precursores dessa crise mais atual.

Para entendermos a crise de tradição a partir das teorias e conceitos de Hannah Arendt, é necessário refletir sobre as categorias de passado e tradição. A pensadora comenta que, “a perda inegável da tradição no mundo moderno não acarreta absolutamente uma perda do passado, pois tradição e passado não são a mesma coisa” (ARENDDT, 2016, p. 130). Então, pensamos com Arendt, que a tradição é o fio que conduz a relação singular que estabelecemos com a história, portanto é o que representa e traz contextualidade ao tempo presente.

O passado é o próprio tempo, história e todo legado que construímos a partir de obras e narrativas, mas para acessar esse legado, possuímos a capacidade de memorizar e recordar como indivíduos tudo que criamos em um mundo humano. E quem nos permite esse acesso são os professores e pais durante o desenvolvimento até chegar à maioridade. Contudo, “com a perda da tradição, perdemos o fio que nos guiou com segurança através dos vastos domínios do passado; esse fio, porém, foi também a cadeia que aguilhoou cada sucessiva geração a um aspecto predeterminado do passado” (ARENDDT, 2016, p. 130).

Concordamos que toda geração, dentro de sua comunidade política faz suas escolhas com relação ao fio de tradição que deseja ter como herança. De fato, em nossa análise, entendemos que cada escolha de abordagem sobre um fio de tradição, predetermina a conservação e relação de importância de uma determinada história ou epistemologia, ao ponto de influenciar o vínculo que estabelecemos com esse passado. Arendt (2016, p. 130) complementa que, “poderia ocorrer que somente agora o passado se abrisse para nós com inesperada novidade e nos dissesse coisas que ninguém teve ainda ouvidos para ouvir”. Assim, a crise de tradição em Arendt, também, pode proporcionar até certo ponto uma ressignificação de um passado que por motivos de opressão ou coerção (uso da violência), dentre outros, ditou as regras ao ponto de obrigar uma geração a entender somente um viés “manipulado” da história.

A instituição escolar tinha também como responsabilidade, a partir do ensino dos professores dar acesso aos alunos à infinitude do passado. Assim como uma pluralidade de possibilidades no ato educativo para se concretizar a aprendizagem e permitir o acesso dos alunos à tradição de forma ampla. No entanto, foi a partir da crise de autoridade e tradição, que podemos observar uma mudança no ensino e aprendizagem, que provocou um corte traumático na relação dos alunos com esse acesso à dimensão do passado. Na atualidade,

consideramos que o acesso a esse passado, que tinha como objetivo transmitir a tradição está cada vez mais delimitado. Em vista disso, “toda dimensão do passado foi também posta em perigo. Estamos ameaçados de esquecimento [...]. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação” (ARENDRT, 2016, p. 131).

Podemos perceber que a relação entre aprendizagem e recordação, pode ser observada a datar dos tempos antigos, uma vez que no diálogo de Fédon, no capítulo sobre a reminiscência entre Sócrates e seus discípulos que antecede seu julgamento, Cebes comenta que: “Aprender [...] não é outra coisa senão recordar. Se esse argumento é de fato verdadeiro, não há dúvida que, numa época anterior, tenhamos aprendido aquilo de que no presente nos recordamos.” (PLATÃO, 2018, p. 134). Os conceitos de Hannah Arendt e a reflexão de Cebes deixam um indício sobre a relação da recordação com a crise de tradição.

A profundidade, que aqui interpretamos como o fio da tradição que acessa o passado, não pode ser alcançado sem a recordação, ou seja, a memória. Desse modo, a concepção de Arendt sobre crise na tradição, que pensamos como a crise que o adulto vivencia em recordar a tradição - para transmitir conhecimento aos recém-chegados no mundo -, suscita novamente a conexão com a crise de autoridade. Essa crise que se torna intergeracional, em nossa análise tem como maior sintoma a transferência da noção de ensino-aprendizagem, ou seja, suspeitamos que na modernidade, com os avanços das tecnologias de informação e comunicação, a responsabilidade que o adulto assumia com relação à apresentação do mundo às crianças foi transferida para o fácil acesso à informação que os recém-chegados possuem no ambiente virtual. Defendemos, no entanto, que o acesso à informação não significa ensino-aprendizagem, pois o simples acesso à informação não é educação.

Nesse caso, o passado enquanto fonte de autoridade deixa de desempenhar um papel na educação. O olhar dirige-se exclusivamente para o futuro, o qual, porém, não é mais o tempo de transformação do mundo, mas se dissolve no eterno fluxo da vida e na constante preocupação com a organização e as melhores tecnologias para se satisfazer suas exigências. Se a educação deixa de se preocupar com as heranças do passado, os novos também não poderão cuidar do mundo futuro. (ALMEIDA, 2011, p. 43-44)

Neste ponto, voltamos a acessar o segundo e terceiro pressupostos básicos que não foi aprofundado no primeiro tópico que Arendt retrata no contexto da crise na educação. Os dois pressupostos relatam sobre a crise do ensino e da aprendizagem. Arendt (2016, p. 231) escreve que, “o segundo pressuposto básico que veio à tona na presente crise tem a ver com o ensino.” E complementa que,

a pedagogia transformou-se em uma ciência do ensino em geral a ponto de se emancipar inteiramente da matéria efetiva a ser ensinada. [...] Além disso, ela resultou nas últimas décadas em um negligenciamento extremamente grave da formação dos professores em suas próprias matérias, particularmente nos colégios públicos. Como o professor não precisa conhecer sua própria matéria, não raro acontece encontrar-se apenas um passo à frente de sua classe de conhecimento. Isso quer dizer, por sua vez, que não apenas os estudantes são efetivamente abandonados a seus próprios recursos, mas também que a fonte mais legítima da autoridade do professor, como a pessoa que, seja dada isso a forma que se queira, sabe mais e pode fazer mais que nós mesmos, não é mais eficaz. (ARENDR, 2016, p. 231)

Na atualidade é exatamente isso que podemos observar com relação aos professores no ambiente educacional, são inúmeros exemplos que corroboram com esse pressuposto. Entretanto, observamos que se o “ensino é uma atividade prática na qual uma pessoa “iniciada” “inicia” seus alunos” (OAKESHOTT, 1968, p. 243), o professor que se equipara ao nível de conhecimento de seu aluno, não tem como transmitir o conhecimento da tradição no sentido de apresentar o mundo aos alunos. Uma vez que, o professor ainda está se familiarizando com o mundo conjuntamente com o aluno, se torna também um iniciado ou aprendiz, pois perde sua autoridade sobre o assunto que deveria possuir um acúmulo para ensinar ao aluno. É exatamente nesse pressuposto que ocorre a crise na transmissão da herança para os recém-chegados no mundo, pois o professor que se iguala em relação a essa responsabilidade abre o precedente para que o aluno, a partir do acesso à informação que possui pela “internet” ou outros meios de comunicação, por exemplo, associe esse acesso à sua autonomia em seu processo educativo.

Nesse momento, o professor que não reconhece sua própria autoridade sobre a matéria que seria ensinada ou o aluno que a partir dessa relação com o acesso à informação destitui a autoridade do professor estão contribuindo em conjunto para um aprofundamento maior da crise de tradição. Além disso, pensamos que essa relação de crise pode abrir precedentes para que os alunos não sintam mais necessidade de ir para instituição escolar. No momento em que pensam possuir acesso a todas as respostas necessárias fora do ambiente educacional, podem considerar que não existe sentido na educação.

Em verdade, não temos como objetivo defender que o professor seja “dono da verdade” ou que seu ensino represente algum tipo de coerção ou violência, porém pensamos que recordar a tradição pela educação também não é acessar a tradição. O professor quando recorda a tradição em seu ensino, contextualiza, examina de forma crítica e aprofunda a reflexão, portanto apresenta o legado do mundo para os recém-chegados, com o propósito que eles se sintam também representantes de um mundo em que foram iniciados para se sentir pertencentes e participantes de sua conservação ou transformação.

Por fim, Arendt (2016, p. 231-232) escreve que o terceiro pressuposto básico da crise na educação é “um pressuposto que o mundo moderno defendeu durante séculos e que encontrou sua expressão conceitual sistemática no pragmatismo. [...] E sua aplicação à educação é tão primária quanto óbvia: consiste em substituir, na medida do possível, o aprendizado pelo fazer.” Pensamos, a partir de Arendt, que na tradição isso ocorreu também por causa das civilizações modernas, que a partir da economia e política priorizaram o consumo e produção em detrimento de uma tendência humanizada de sociedade que deveria ter minimamente como propósito a preservação do mundo. Pensamos que a grande força dos meios de consumo e produção na economia, na atualidade influenciaram também a educação e

[...] assim, alunos e professores experimentam aquilo que, segundo Arendt, caracteriza a sociedade de massas - sociedade composta por indivíduos isolados que não tomam decisões sobre o mundo nem assumem responsabilidade por ele, mas apenas funcionam no grande processo de produção e consumo. “Partículas” que estão expostas aos movimentos arbitrários do mercado e que, a qualquer momento, podem ser substituídas por outras “partículas” ou por novas tecnologias. (ALMEIDA, 2011, p. 49)

Portanto, em contraposição a esse tipo de cultura, pensamos em uma educação em que as crianças devem ser ensinadas pelos adultos a tradição de forma plural, respeitando sua singularidade para que possam conviver entre singulares e assim conservar o mundo para a chegada das novas gerações. Lefort (1999, p. 208) diz que “o sistema de ensino sempre se ordena em função de uma representação da educação, de uma representação que implica um desejo – desejo de os indivíduos alcançarem, com sua formação, uma certa maneira de ser, de trabalhar, de se relacionarem entre si na sociedade”. A crise na educação que inverte a relação lógica de ensino e aprendizagem entre adultos e crianças, além de gerar uma crise intergeracional, parece que tem o desejo de transformar os recém-chegados no mundo em seres políticos, produtores e consumidores em excesso.

Nesse sentido, as crianças que não possuem autoridade para romper com as decisões dos adultos, são obrigadas a agir de forma política e autônoma em seu mundo de crianças, antes mesmo de possuírem os conhecimentos necessários e básicos para se conviver no espaço público quando chegar a sua maioridade.

Existe uma certa percepção na contemporaneidade, que se fundamenta nessa “substituição da aprendizagem pelo fazer e do trabalho pelo brincar” (ARENDR, 2016, p. 232) no ambiente educacional, que se aproxima do primeiro pressuposto básico, que diz respeito à concepção de um mundo de crianças. Além de focar na autonomia dos educandos

no ensino e aprendizagem – como foi retratado no tópico anterior a partir de uma infância ensimesmada e pedagogias da autonomia –, agora entende também que é preciso idealizar esse mundo para elas. Entretanto, do ponto de vista de Arendt (2016), esse mundo do brincar como idealização para a cultura infantil, na verdade, força as crianças a uma certa passividade, obrigando-as a renunciar de sua iniciativa. Desse modo,

Seja qual for a conexão entre fazer e aprender, e qualquer que seja a validade da fórmula pragmática, sua aplicação à educação, ou seja, ao modo de aprendizagem da criança, tende a tornar absoluto o mundo da infância exatamente da maneira como observamos no caso do primeiro pressuposto básico. Também aqui sob o pretexto de respeitar a independência da criança, ela é excluída do mundo dos adultos e mantida artificialmente no seu próprio mundo, na medida em que este pode ser chamado de um mundo. (ARENDR, 2016, p. 233)

Na prática, assim como a crise de autoridade na educação a criança quando se torna pertencente a esse mundo idealizado – que de qualquer forma foi idealizado e é coordenado pelos adultos –, perde seu acesso à pluralidade da tradição, pois fica “presa” as paredes de seu mundo do brincar, e se distancia da responsabilidade do adulto apresentar o mundo de forma ampla e na sua complexidade. Assim esse pressuposto, evidencia a relação entre a crise de autoridade e tradição na educação, como uma crise intergeracional que atinge o relacionamento, a partir do ensino e aprendizagem entre as crianças e os adultos. Logo,

[...] essa retenção da criança é artificial porque extingue o relacionamento natural entre adultos e crianças, o qual, entre outras coisas, consiste do ensino e da aprendizagem, e porque oculta ao mesmo tempo o fato de que a criança é um ser humano em desenvolvimento, de que a infância é uma etapa temporária, uma preparação para a condição adulta. (ARENDR, 2016, p. 233)

Em relação à tradição também nos defrontamos com a necessidade de os adultos assumirem a responsabilidade pela fragilidade biológica e intelectual dos recém-chegados no mundo. Tratamos essa associação quando abordamos a crise de autoridade, porém a crise da tradição também demonstra que o conhecimento adquirido pelas crianças no ambiente educacional tem uma função determinada e, portanto, perde sua necessidade quando ela chega à maioridade, por isso se torna temporária.

A crítica sobre o mundo infantil não tem como objetivo excluir o brincar¹⁶ da formação da criança e muito menos da instituição escolar, mas a partir da crítica de Arendt,

¹⁶ Não temos objetivo de fazer uma crítica aprofundada com relação às pedagogias que têm como fundamento o brincar. Elencamos a crítica do pressuposto de Arendt para fazer uma relação de um mundo da criança idealizado pelo adulto como sintoma da crise de autoridade e tradição na educação.

temos como objetivo refletir sobre a contradição que é idealizar um “mundo de crianças” que de qualquer forma é criado pela autoridade dos adultos. Além disso, a criança fica refém de apenas um *modus operandi* de educar e como foi tratado no último pressuposto, esse modo pode ser reflexo de uma civilização que prioriza o fazer no lugar do aprender.

Enfim, esses pressupostos somados à crise de autoridade e tradição constataam exatamente a etapa em que as crianças começam a se distanciar da responsabilidade dos adultos e estabelecer sua conexão com sua autonomia num mundo estritamente infantil, e a partir do amplo e livre acesso à informação, se perguntam sobre a necessidade de respeitar o professor/adulto e a instituição escolar como únicos sustentáculos do acesso à transmissão da tradição com objetivo de se educarem.

Por esse motivo entendemos o ensino e a aprendizagem como essenciais para se constituir e desenvolver a relação do adulto como professor ou tutor com a criança que está em fase de desenvolvimento para chegar em sua maioridade, e com suporte da autoridade e tradição manter uma geração ciente e conectada com a outra. Oakeshott (1968, p. 242) afirma que,

A aprendizagem é a atividade compreensiva pela qual travamos conhecimento conosco mesmos e com o mundo que nos rodeia. É uma atividade paradoxal: consiste em agir e submeter-se, ao mesmo tempo. Suas realizações vão desde a mera consciência até o que podemos chamar de compreensão e capacidade para explicar.

Diante do conceito de Oakeshott sobre aprendizagem, podemos perceber que o simples acesso à informação não necessariamente significa que o educando está aprendendo, pois, por mais que na atualidade esse acesso tenha sido amplamente democratizado, não significa que o educando está sendo educado ou apresentado ao mundo. Por essa razão,

[...] este mundo só pode ser penetrado, possuído e desfrutado por meio de um processo de aprendizagem. [...] E chamo a este mundo nossa herança comum porque penetrá-lo constitui a única forma de tornar-se um ser humano, e viver nele é ser um ser humano. A criança se inicia neste geistige Welt, mesmo em suas mais tenras aventuras de consciência, e a tarefa do professor é iniciar seus alunos nele. Não só a aprendizagem é o único meio para penetrá-lo, como ele se constitui na única coisa que o aluno tem diante de si para aprender. (OAKESHOTT, 1968, p. 243)

Outrossim, pensamos que o acesso indiscriminado a informação, a partir das novas tecnologias de informação não substitui a iniciação que os recém-chegados recebem dos professores por intermédio da educação. Pensamos que o processo de ensino e aprendizagem no ambiente educacional é necessário para sustentar o vínculo entre duas gerações. O adulto assume a promessa de iniciar os recém-chegados no mundo, acessando o legado de idealizações humanas pela recordação. Se não recordamos a tradição não conseguimos

ensinar e muito menos aprender. Sem a aprendizagem o aluno não é convidado para o mundo. A falta de autoridade e tradição nos revela que,

[...] ao considerar os princípios da educação temos de levar em conta esse processo de estranhamento do mundo; podemos até admitir que nos defrontamos aqui presumivelmente com um processo automático, sob a única condição de não esquecermos que está ao alcance do poder do pensamento e da ação humana interromper e deter tais processos. (ARENDDT. 2016. p. 245)

4 EDUCAÇÃO E A CRISE ENTRE GERAÇÕES

A massa de informações não gera verdade, e quanto mais se liberam informações tanto mais intransparente torna-se o mundo. Por isso, a hiperinformação e a hipercomunicação não trazem luz à escuridão.

Byung-Chul Han

Nos capítulos anteriores, tratamos de aprofundar a relação entre autoridade, tradição e educação no seu contexto com a crise e de compreender como essas categorias afetaram a criança, o adulto e o mundo. Refletimos, também sobre os recém-chegados que perderam a noção de autoridade que tinham pelos adultos no âmbito privado e na instituição escolar. O adulto era quem assumia responsabilidade pela apresentação do mundo, pois garantiam a conexão entre às duas gerações a partir da transmissão de uma herança e responsabilidade pelo mundo no ambiente educacional.

Nesse capítulo, abordaremos o fato de que essa herança na modernidade foi armazenada no ambiente virtual, por isso não possui testamento. Na crise intergeracional mais atual, existe um estranhamento na relação entre crianças e adultos, pois a criança que acessava a herança pela instituição escolar, a partir do aprofundamento dessa crise, tem preferido acessar e respeitar como fonte de “autoridade” e “tradição” o *ciberespaço* a partir das *tecnologias de informação (TICS)*¹⁷.

As crianças recém-chegadas na geração atual, se sentem respaldadas por esse “novo” tipo de acesso à informação, feito principalmente “on-line”. No entanto, a crise intergeracional se intensifica quando a geração mais velha ainda transita sem domínio entre a recordação da tradição passada e a atual, que é regida, em geral, pelas novas tecnologias de informação e pelo acesso ao mundo virtual. Discutiremos como a educação se relaciona com essa crise intergeracional e se um “legado sem testamento” armazenado no mundo virtual pode se tornar uma herança com testamento, a partir da educação com base no conceito de natalidade, que possibilita os recém-chegados se sentir pertencentes e renovadores de um mundo acelerado e em constante mudança.

¹⁷ **Tecnologias da informação e comunicação (TICs)** é uma expressão que se refere ao papel da comunicação (seja por fios, cabos, ou sem fio) na moderna tecnologia da informação. Entende-se que TICs são todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação, o que inclui o hardware de computadores, rede e telemóveis. Em outras palavras, TICs consistem em TI, bem como quaisquer formas de transmissão de informações e correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres. (WIKIPÉDIA, 2021)

4.1 A CRISE INTERGERACIONAL

No livro *Entre o passado e o futuro*, Hannah Arendt (2016, p. 28) reúne sua coletânea de ensaios que juntos descrevem uma parte de suas reflexões e conceitos. Logo no início do prefácio, com título “A quebra entre o passado e futuro” Arendt cita o aforismo do escritor René Char que diz: “Notre héritage n’est precede d’aucun testament - ‘Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento’”. É a partir desse aforismo que iremos fazer uma analogia sobre como a crise de autoridade e tradição, se desenvolveu para uma crise intergeracional, pois tanto os adultos quanto as crianças, que antes se relacionavam com o mundo com base em uma tradição e cultura que tinham como pressuposto a vida real (mundo off-line), na atualidade, começaram a se relacionar com base na vida virtual (mundo on-line).

Além dos escritos de Hannah Arendt sobre a crise no mundo moderno, podemos observar, assim como Mario Vargas Llosa (2013) escreveu em sua obra *A civilização do espetáculo* - no contexto da cultura -, que nunca existiram tantos escritos, ensaios, teorias e análises sobre o desaparecimento dos sentidos que um vocábulo tinha no passado, e sobre novos conceitos que surgem hoje a partir de uma crise. Podemos pensar que o estudo diacrônico da etimologia de uma palavra, na atualidade tem mudado seu conceito a partir de uma crise que desencadeia suas reformulações. Assim, escrevemos sobre a mudança dos conceitos de crise de autoridade e tradição, segundo os conceitos de Hannah Arendt. Nessa perspectiva, abordaremos também alguns autores que retratam a crise na modernidade, para demonstrar que seus conceitos e abordagens evidenciam a crise intergeracional como uma cisão na forma pela qual os adultos se relacionam com as novas gerações que estão por vir.

Desse modo, através da chegada da era digital, ou seja, o ciberespaço que Pierre Lévy (2018, p. 17) conceitua como, “o novo meio de comunicação que surge da interconexão da rede mundial de computadores”, aumentaram a velocidade e quantidade com que as informações chegam no espaço público e privado. À vista disso cada vez mais os indivíduos incorporam a cibercultura em seu modo de vida, como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. E é principalmente nas mídias digitais e suas plataformas com toda essa quantidade de informações, que se tem um campo fértil para o livre acesso dos recém-chegados como primeiro contato com a tradição.

Antigamente o acesso ao conhecimento da tradição levava mais tempo, já que, muitas vezes, se resumia ao acesso à instituição escolar, e as tecnologias da informação e

comunicação eram mais lentas. Também existiam, comparado a atualidade, muito menos instituições que tinham autoridade para passar a informação. Hoje, em plena revolução tecnológica a velocidade da informação no processo de comunicação, é imenso; e as instituições que transmitem informação são variadas, porém, independente dessa relação entre o passado e a atualidade, é necessário apontar que “em vez de enfatizar [somente] o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 2009, p.22).

O uso das tecnologias digitais nas relações comunicacionais e na educação se tornaram decisivos para um novo modo de se relacionar das novas gerações. No entanto, a velocidade desses processos, somado a pluralidade de fontes, é que otimizam o poder de disseminação da crise com relação ao acesso à tradição do aluno pela educação. Portanto, pensar o impacto dessa revolução tecnológica na educação se torna fator determinante para entender esse “novo” fenômeno da crise intergeracional.

A tradição e a cultura no passado tinham também como intenção fomentar o senso crítico em relação à realidade, porém hoje parece existir uma visão diferente. Existe uma banalização, futilidade e até mesmo falta de importância em relação à profundidade da análise dos fatos e informações. Hoje o que chama atenção é o espetáculo e o sensacionalismo, sempre sustentados pela coisificação, entretenimento ou infelicidade da vida alheia. Convivemos em um espaço público cada vez mais conectado a uma modernidade líquida (BAUMAN, 2001), por isso a crise intergeracional ganha forma e identidade como também capacidade de influenciar no modo como o relacionamento dos indivíduos se estabelecem.

Em sua obra *44 cartas do mundo moderno*, Zygmunt Bauman (2017, p. 23) na carta intitulada “on-line, off-line” escreve:

Numa vida de contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente a “vida real”. Embora os principais estímulos para que os jovens estejam sempre em movimento provenham do mundo off-line, esses estímulos seriam inúteis sem a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre indivíduos, tornando-os breves, superficiais e sobretudo descartáveis. As relações virtuais contam com teclas de “excluir” e “remover spams” que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda. [...] Para um jovem, o principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivos conflitantes que rondam a vida off-line. O mundo on-line, por outro lado, cria uma multiplicação infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, *enfraquecendo* os laços, muitas vezes impondo o tempo - em flagrante oposição à sua contrapartida off-line, que, como é sabido, se apoia no esforço continuado de *fortalecer* os vínculos, limitando severamente o número de contatos à medida que eles se ampliam e se aprofundam.

Os recém-chegados no mundo, que são acolhidos pelo espaço privado e pela instituição escolar, cada vez mais perdem sua conexão com os adultos, pois a partir da crise intergeracional, parecem transferir o vínculo que estabelecem com o conhecimento e acesso à tradição da educação, para o acesso às informações do mundo virtual (on-line).

No decorrer do prefácio de *Entre o passado e o futuro*, Hannah Arendt descreve a seguinte parábola de Kafka:

Ele tem dois adversários: o primeiro acoisa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro o ajuda na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto - e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite -, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários que lutam entre si. (KAFKA apud ARENDT, 2016, p.33)

A parábola mostra “um alguém” ou “ele” no meio de dois adversários. Esse alguém parece se relacionar com o tempo passado e futuro. Nesse trabalho, pensamos que esse “alguém” representa literalmente a situação do recém-chegado na crise intergeracional. Para ilustrar ainda mais essa crise, como cisão entre duas gerações - entre adultos e crianças -, pensamos em um exemplo puramente imaginativo de uma criança adentrando o ambiente educacional em suas primeiras aulas nos tempos atuais. A professora em sala de aula, com uma placa que tem o desenho de uma casa, olha para esse educando, mostra a placa e comenta: “C-A-S-A” e completa pausadamente; “CA-SA”. Imaginamos que o aluno pode pensar: “A professora está ficando maluca!”. Podemos observar que o recém-nascido no espaço privado na modernidade, portanto o recém-chegado no mundo, já tem acesso a smartfone, tablet, smart tv, brinquedos eletrônicos e conteúdo pedagógico de áudio visual para todas as idades. Além de videogames que demonstram exatamente como construir uma “casa” em cada detalhe.

A reflexão crítica se pauta nesse recém-chegado que, quando adentra o espaço escolar não é da mesma forma que ocorria antigamente. Hoje com todo acesso às tecnologias da informação ele parece não ter mais dificuldade em identificar a foto de uma casa e como soletrar essa palavra no início de sua educação. Quase todo o legado da humanidade parece estar armazenado em “nuvens”, ou seja, no mundo virtual (on-line). De alguma forma, sem a autoridade dos pais essas crianças parecem ter livre acesso a esse material. Por esse motivo a analogia suscita a questão: Será que realmente estamos conseguindo acompanhar e

compreender como pais/tutores e professores a relação existente entre a atual e nova geração? E, portanto, quem é esse “alguém” de Kafka na atualidade?

A reflexão sobre essa pergunta tão difícil de responder é válida para começar a analisar as questões envolvidas na pluralidade de conceitos existentes no termo “tecnologias da informação”, que associado a *revolução digital*¹⁸, no entanto, torna o processo de entendimento mais complexo e nos faz pensar o quanto o presente e possivelmente o futuro, pois tudo indica para isso, já é e será extremamente influenciado pelas culturas digitais.

Não obstante, essa cultura digital hoje em dia infelizmente aparenta estar cada vez mais amparada pelo consumismo, superfluidade, controle e puro entretenimento. Se antes a cultura tinha como um dos objetivos fomentar o senso crítico, hoje é totalmente diferente, uma vez que

a diferença essencial entre a cultura do passado e o entretenimento de hoje é que os produtos daquela pretendiam transcender o tempo presente, durar, continuar vivos nas gerações futuras, ao passo que os produtos deste são fabricados para serem consumidos no momento e desaparecer, tal como biscoitos ou pipoca. (LLOSA, 2013, p.27)

As tecnologias de comunicação ligadas à cultura digital se tornaram muitas, e principalmente com o advento da “internet”, trouxeram uma gama de conceitos e práticas que foram se misturando e confundindo o próprio entendimento das questões culturais envolvidas nesses casos. Observando a atualidade, parece que essas tecnologias estão cada vez mais aceleradas e caminhando em direção a um formato condensado. Tudo parece ir para um caminho de convergência. Um exemplo disso seria a fusão das telecomunicações dentro desse ambiente cibernético.

Essa aceleração em conjunto com a revolução informacional e digital influenciou a cultura de tal forma que a distância entre cultura de massa e erudita se diluiu, ou seja, não existe mais uma aparente hierarquização ou diferenciação dessas questões. É necessário compreender que a cultura antigamente tinha um conceito, e dentro desse conceito uma de suas funções era referente ao desenvolvimento do senso crítico dos indivíduos, contudo na modernidade seu significado sofreu uma ruptura radical, evidenciando a massificação de seu

¹⁸ A **Revolução Digital**, também conhecida como a **Terceira Revolução Industrial**, refere-se aos processos associados à passagem da tecnologia eletrônica mecânica e analógica para a eletrônica digital, iniciada entre o final dos anos 1950 e o final dos anos 1970, com expansão do uso de computadores digitais e a constituição de arquivos digitais, processo que segue até os dias atuais. Implicitamente, o termo também se refere às mudanças radicais trazidas pela tecnologia digital de computação e comunicação a partir da segunda metade do século XX. Analogamente à Revolução Agrícola e à Revolução Industrial, a Revolução Digital marcou o início da Era da Informação. (WIKIPÉDIA, 2021)

conteúdo a tal ponto de reproduzir a banalidade no momento do uso em relação à informação adquirida.

O simples acesso a uma infinidade de informação no mundo virtual, pode provocar uma aceleração tão grande que aliena o indivíduo. Na atualidade, também podemos constatar que essa aceleração tem causado algumas psicopatologias. Hoje o que importa nesse acesso é a quantidade de engajamento (números de seguidores) e sua “pseudo” representação de autoridade, e não a qualidade e veracidade das informações. Portanto, o conceito de cultura atual está relacionado ao conceito de uma civilização que prioriza esse espetáculo trivial em detrimento de uma sociedade crítica e menos manipulada. Em vista disso, que Mario Vargas Llosa fundamenta sua crítica (2013, p. 29-30), pois vivemos em uma

civilização do espetáculo de um mundo onde o primeiro lugar da tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal. [...] Mas transformar em valor supremo essa propensão natural a divertir-se tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo.

Por fim, o conceito de civilização do espetáculo mostra que a cultura se banalizou de tal forma que também favorece as características da superfluidade ou da liquidez do acesso à informação, gerada pelos meios digitais em um determinado contexto que se sustenta na cibercultura. As novas gerações estão sendo formadas por essas tecnologias que aceleram esse consumo de informação e causam um dos sintomas que alimentam a crise intergeracional. O que isso tem causado para o espaço público, privado e da instituição escolar ainda está sendo estudado e observado. Além disso, é de se preocupar se nosso cérebro terá capacidade para se adaptar a velocidade em adquirir toda essa informação, principalmente com a rapidez com que ela tem chegado.

Todos esses aspectos retratados deveriam considerar que o acesso à informação, que nem sempre significa educação e formação, em sua grande maioria (na modernidade) está localizado no ciberespaço. Dito isso, os adultos no espaço público e na instituição escolar que pertencem à geração atual precisam pensar em conjunto com relação a que tipo de mudança é necessária para uma política pública e educacional que forme um ser humano crítico dotado de uma visão que possibilite o discernimento sobre a veracidade e qualidade das informações, uma vez que em tempos de fraudes, fake news, cancelamento virtual e tantas mentiras saber discernir sobre a verdade poderá ser o caminho para um espaço público livre e uma educação mais consciente e cidadã.

Podemos pensar até que ponto a nova geração, ilustrada pelo “ele” de Kafka deseja sair dessa pressão exercida pelos dois lados – a crise intergeracional –, e se a sua relação com a era digital não está influenciando os indivíduos ao ponto de transformá-los em uma espécie de "Homo Midians". A era do homem que teria obrigatoriamente que incorporar às mídias e a cultura digital a sua vida e ter como parâmetro fundamental para sua existência, as novas tecnologias de informação e comunicação.

Alvin Toffler (1980), em sua obra *A terceira onda*, retrata de forma vanguardista algumas das transformações que ocorreram no mundo moderno. No decorrer da obra, ele divide os momentos cruciais na história da civilização humana em: 1. A fase agrícola; 2. A fase industrial; e 3. A “terceira onda” chamada de pós-industrial. Pensamos que o momento da terceira onda, quando foi apresentado no lançamento de seu livro, provocou uma reflexão do autor que está além de seu tempo, já que conseguiu prever algumas características culturais que viriam a existir e coexistir na modernidade. Entre os acertos estão a expansão informacional – chamada de “boom” da informação—, a aceleração do ritmo de vida, a inclusão da realidade virtual e a influência das tecnologias no contexto do mundo público e do trabalho. Compreendemos, a partir de Toffler que nessas características culturais existem algumas peculiaridades em comum, como a aceleração e compactação do conhecimento.

Em vista disso, na atualidade a tecnologia vem implementando cada vez mais mecanismos que tornam essas mídias - por exemplo, o Facebook, Youtube, Instagram e Twitter -, meios de comunicação muito bem elaborados e "autossuficientes", ou seja, possuem uma estrutura que permite relações de vida pessoal, informação, empreendedorismo, lojas online, trabalho, educação, palestras e debates. Essa avalanche de informação e interatividade ainda carrega um hibridismo da linguagem tecnológica, ou seja, na mesma mídia encontramos som, vídeo e escrita além de outras tecnologias mais avançadas.

Todo esse contexto mostra o nível de complexidade ao qual se chegou para se identificar até que ponto sabemos compreender e nos enxergar como influenciadores/autores de todo esse processo e sua relação com a realidade do mundo (off-line). Não obstante, esse processo evidencia o porquê de uma crise intergeracional, pois se os adultos não compreendem e dominam todas essas características da revolução tecnológica informacional, não conseguem apresentar esse conhecimento para os recém-chegados no mundo.

Podemos usar como exemplo, para ilustrar novamente a crise, a história da máquina de escrever. A datar do início do processo de criação da máquina, até se tornar obsoleta foi

muito mais fácil identificar suas funções, atributos e qualidades. O mecanismo de funcionamento da máquina não tinha possibilidade de se criar uma convergência, pois tinha como função apenas escrever textos. E mesmo assim sua existência influenciou todo um mercado de trabalho em sua época e conseqüentemente trouxe diversos benefícios para o espaço público e privado. Essa comparação serve para trazer a reflexão fundamental sobre o aumento desenfreado das tecnologias de informação. Uma vez que a máquina já tinha sua complexidade na forma de influenciar a humanidade, podemos ficar perdidos com relação a toda convergência de funções que um celular possui. Por isso, “para Sodré, a questão inicial é a de se saber qual é a influência ou poder que essa articulação exerce sobre a construção da realidade social, na moldagem de percepções, afetos, significações, costumes e produção de efeitos políticos” (SANTAELLA, 2007).

Em vista disso, segundo Bauman (2011, p. 124), toda essa massa de conhecimento se acumulou de tal forma que os conhecimentos “foram tragados e diluídos no acúmulo de informações, [...] [pois] todos os conteúdos [se tornaram] uniformes e igualmente entediantes. Nessa massa, pode-se dizer que todas as peças de informação fluem com o mesmo peso específico”, ou seja, as pessoas perderam a capacidade de escolher e discernir o que vale a pena e que tipo de qualidade existe nas informações e conseqüentemente no conhecimento quando pensam se apropriar da tradição.

Nesse sentido, podemos observar que na educação existe uma grande dificuldade de lidar com a crise intergeracional, visto que o adulto que não se apropria desse conhecimento se distancia de todas essas novas formas de assimilação e acesso à tradição. A criança que já nasce nesse novo mundo tecnológico e não tem a autoridade do adulto para apresentar a contextualidade dessas novas tradições, acaba sustentando o sintoma da crise, pois vivencia um mundo pautado apenas pelo seu acesso à infinidade de informações. Bauman (2011, p. 125) ainda complementa em seu texto *O mundo é inóspito à educação? (3)* que:

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. Mas, permitam-me repetir: a mudança atual não é igual às que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para essa vida.

Acreditamos que reflexão crítica de Bauman representa o que vivemos na educação moderna. Essa reflexão suscita questões sobre o conceito da educação no passado, e o que ela

representa nos tempos atuais. Podemos dar vários significados e conceitos para a educação, porém defendemos que tanto no passado quanto na atualidade uma de suas essências é assegurar o desenvolvimento ético, moral, biológico e intelectual de um ser humano. Dentre as possibilidades de conceitos e respostas é necessário entender que sua função gnosiológica retrata uma de suas essências. Durante todo nosso processo histórico o desenvolvimento do conhecimento e acesso à informação sempre teve algum tipo de priorização em relação a seu uso, codificação e armazenamento. Neste sentido elaborar uma visão de mundo na educação sempre esteve ligado a que tipo de conhecimento na história que devemos escolher para transmitir às gerações vindouras, ou seja, qual fio da tradição queremos transmitir aos recém-chegados no mundo. Portanto, entendemos que qualquer escolha feita pelos adultos no espaço público está totalmente relacionada a que tipo de civilização a humanidade deseja para o futuro das novas gerações.

Dessa forma, defendemos o ensino e a aprendizagem, vinculados a uma tradição que recorda com responsabilidade a promessa dos adultos de educar os recém-chegados que são alunos, com objetivo de apresentá-los ao mundo. Avaliamos ser isso o que constitui e sustenta a conexão futura dos mais novos com o espaço público. Logo, essa educação busca assegurar o convívio com a pluralidade humana, respeitando a singularidade dos indivíduos. Portanto, compreendemos que a instituição escolar amparada na autoridade e tradição é o que representa o sustentáculo entre duas gerações.

Isto posto, compreender quais são os sintomas da crise intergeracional na educação colabora para entender se o mundo moderno ainda é pautado pela autoridade e tradição dos adultos. Os professores no ambiente educacional parecem cada vez mais perder os alunos para o acesso à informação no ambiente virtual (on-line). Os alunos com livre acesso a esse novo espaço criam sua relação com a informação e sustentam a criação de seu mundo. A dificuldade de estabelecer o vínculo entre adultos e crianças na modernidade parece deixar o mundo fora dos eixos. Então,

o fato é que o desprezo pelo papel de um mediador autorizado que se interponha entre o saber e o sujeito que aprende - seja o professor ou a própria instituição - tende a ignorar que a educação implica um vínculo com a *temporalidade* do mundo humano; que ela não se desenvolve a partir de um vazio histórico, mas de uma experiência de intercâmbio entre gerações que ocupam lugares distintos no mundo. (CARVALHO, 2017, p. 63)

Se os adultos no espaço privado e da instituição escolar não possuem capacidade para sustentar sua autoridade em educar os recém-chegados, essa responsabilidade

consequentemente pode estar sendo transferida para um mundo constituído pela hiperinformação e hipercomunicação. Esse mundo em crise parece estar desequilibrado e fora dos eixos, pois qualquer tipo de informação pode se tornar qualquer coisa e ter qualquer função. Tudo se torna a mesma coisa quando o legado da tradição se resume a um acúmulo de informações armazenados no ambiente virtual.

Hannah Arendt descreve exatamente nossa situação em face ao dismantelamento da autoridade e tradição quando escreve que,

[...] a autoridade, assentando-se sobre um alicerce no passado como sua inabalada pedra angular, deu ao mundo a permanência e a durabilidade de que os seres humanos necessitam precisamente por serem mortais - os mais instáveis e fúteis seres de que temos conhecimento. Sua perda é equivalente à perda do fundamento do mundo, que, com efeito, começou desde então a mudar, a se modificar e transformar com rapidez sempre crescente de uma forma para outra, como se estivéssemos vivendo e lutando com um universo proteico, onde todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente qualquer outra coisa. (ARENDR, 2016, p.132)

O objetivo dessas críticas não é lutar contra a democratização do acesso á informação. É pensar sobre, em que momento os indivíduos recém-chegados no mundo, a partir do espaço privado e da instituição escolar estão sendo devidamente apresentados a esse mundo pautado pela falta de autoridade e tradição. É nesse momento em que os adultos precisam decidir sobre a importância que a educação tem para o mundo e se concordam ser é a instituição escolar, que mantêm o vínculo entre duas gerações. Os adultos, também, precisam decidir, no espaço público entre iguais se o legado humano da tradição – seja seu fardo, ônus, leveza, presentes, bondade, maldade etc. –, deve ser carregado pelas crianças. O legado humano quando armazenado na imensidão do mundo virtual, associado a sua facilidade de acesso, cria uma abertura para os recém-chegados se auto apresentarem ao mundo sem nenhum tipo de contexto, pois assim assumem, de forma igual aos adultos a responsabilidade pelo mundo.

É no espaço educacional que o legado humano pode adquirir um testamento que lhe dá esse devido contexto. Toda revolução tecnológica e informacional que foi retratada no trabalho também tem lugar na educação, pois é nesse espaço que os educadores apresentam e contextualizam esse legado. Hannah Arendt (2016, p. 222), comenta sobre a possibilidade de evitar que a crise cause um desastre, quando escreve que “é a oportunidade, proporcionada pelo próprio fato da crise - que dilacera fachadas e oblitera preconceitos -, de explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu [...]”. Retratamos a crise para colocar as experiências e sintomas envolvidos nos conceitos de autoridade, tradição e educação com objetivo de serem revelados. E essa revelação é que possibilita uma profunda

análise para sua possível resolução.

Hannah Arendt (2017) acredita que para enfrentar um mundo fora dos eixos temos que agir, e a imprevisibilidade é inerente a ação. Como foi retratado no primeiro e segundo capítulo, a ação e o discurso representam a capacidade do homem realizar o improvável, pois efetiva os conceitos da natalidade e pluralidade. Pensamos com Hannah Arendt nas obras *Entre o passado e o futuro*, e *A condição humana*, que a natalidade é representada por dois nascimentos, o primeiro relacionado a chegada dos recém-chegados no mundo, e o segundo na inserção que realizamos no mundo, com base nos atos e palavras. Como foi dito no início, o conceito de natalidade é fundamental em toda obra de Arendt.

Portanto, é a partir da relação da ação com a natalidade que podemos pensar sobre a renovação do mundo moderno. A crise que retratamos pode representar uma insegurança do mundo e das gerações atuais. No entanto,

[...] a perda da permanência e da segurança no mundo - que politicamente é idêntica à perda da autoridade - não acarreta, pelo menos não necessariamente, a perda da capacidade humana de construir, preservar e cuidar de um mundo que nos pode sobreviver e permanecer um lugar adequado à vida para os que vêm após. (ARENDR, 2016, p. 132)

A natalidade e seus dois nascimentos representam a capacidade do ser humano começar algo novo. Se o conceito de ação em Hannah Arendt (2017, p. 9), representa a pluralidade e, por isso “é especificamente a condição - não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* - de toda vida política”, a essência da educação, que tem como parâmetro esses dois nascimentos, e, portanto, a apresentação dos recém-chegados nesse espaço da política tem um valor incomensurável na história da humanidade. Além disso, é na educação, que podemos ensinar os recém-chegados a se sentirem livres e possivelmente renovadores de um espaço público em crise. Se perdemos o fio condutor da relação entre às duas gerações e o relacionamento entre adultos e crianças, devemos assumir que não amamos o mundo ao ponto de protegê-lo do possível encerramento de suas histórias e futuras narrativas.

Afinal, defender a educação e sua relação com o conceito de natalidade em Hannah Arendt, pode representar uma esperança. A esperança de um novo começo.

Mas permanece também a verdade de que todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. *Initium ut esset homo creatus est* - “o homem foi criado para que houvesse um começo”, disse

Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós. (ARENDR, 2012, p. 639)

É neste sentido que o novo começo represente uma educação plural e que considere à fragilidade do tempo e mortalidade do corpo biológico, pois até um copo plástico pode sobreviver mais que um ser humano que não dá valor à preservação do mundo e às gerações que estão por vir. Por fim, Hannah Arendt acredita ser o legado que deixamos no mundo que transcende essa vida mortal. “Todas as mágoas são suportáveis se as colocamos em uma estória [story] ou contamos uma estória sobre elas” (ARENDR APUD DINESEN, 2017, p. 217).

Benjamin e Popper, o marxista e o liberal, heterodoxos e originais dentro das grandes correntes de pensamento que eles renovaram e impulsionaram, são dois exemplos de como, escrevendo, se pode resistir à adversidade, atuar, influir na história. Sendo modelos de escritores comprometidos, eu os cito, para terminar, como evidências de que, por mais que o ar se contamine e a vida não lhes seja propícia, os dinossauros podem dar um jeito de sobreviver a ser úteis nos tempos difíceis. Paris, 18 de setembro de 1996 (LLOSA, 2013, p. 206)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de natalidade em Hannah Arendt é um dos mais importantes em sua obra. E sua relação com a educação é fundamental, pois demonstra que assumir *responsabilidade* pelos educandos e conseqüentemente pela preservação do mundo é, na verdade, também o adulto assumir seu amor pelo mundo que lhe foi legado pelas gerações passadas. A responsabilidade pela promessa assumida pelo adulto no desenvolvimento da criança no espaço privado e da instituição escolar também representa o legado da tradição passada de amor por esses recém-chegados. A natalidade é ainda o que pode sustentar uma possível renovação do mundo.

Hannah Arendt (2016) escreve em seu ensaio *A crise na educação* que a educação é uma das atividades mais essenciais para a comunidade humana, e suscita a reflexão de que a tradição é a escolha em relação a valores, costumes ou visão de mundo do passado, ou seja, o acesso ao tesouro da tradição que como adultos queremos deixar como um legado com testamento para os recém-chegados no mundo.

Tais afirmações podem perder seu significado em um mundo que parece não dar o mesmo valor a esses conceitos. A crise intergeracional, desencadeada pela crise de autoridade e tradição, nos mostrou no decorrer do trabalho que o mundo pode estar saindo de seu eixo. No entanto, existe uma metáfora que pode representar a educação, a autoridade e a tradição como suportes, que oferecem um equilíbrio para auxiliar a nova geração a tomar as melhores decisões no movimento de renovação do mundo moderno.

A representação dessa metáfora está na árvore chamada Baobá, uma árvore milenar que pode chegar a mais de 30 metros de altura. O Baobá tem muito a nos ensinar sobre tempos de crise. E sobre um mundo que a história demonstrou também ser um lugar capaz de criar a escravidão e o totalitarismo. Atualmente ainda podemos perceber que existem governos que fingem agir de acordo com a bondade religiosa, mas, na verdade, são sustentados por um discurso amparado em uma tradição de ideologia e terror, pois usam o estado como máquina de matar. Sabemos que os elementos de um movimento totalitário, assim como escreveu Hannah Arendt, podem estar presentes até mesmo em uma democracia.

Voltamos aos baobás. “[...] Foi assim que, no terceiro dia, fiquei sabendo do drama dos baobás” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 28). Os baobás são árvores fascinantes.

Diferentemente do que acreditava *O pequeno príncipe*, os baobás não crescem rápido como gigantes titânicos capazes de acabar com seu pequeno planeta. Muito pelo contrário: têm um dos crescimentos mais lentos do mundo vegetal e graças a isso chegam a viver milhares de anos. Sua estranha silhueta (parece que foram plantados ao contrário, com as raízes para cima e a copa embaixo da terra) lhes transformou em esculturas vivas, o ícone das terras áridas da África, seu habitat natural. (NADAL, 2018)

Apresentaremos as características dos baobás para permanecer evidente a metáfora dessa árvore e sua relação com a educação, autoridade e tradição. Existem em torno de nove espécies de baobás espalhadas pelo mundo. Nós, como seres humanos, temos dificuldade de lidar com nossas diferenças. Os baobás não.

É uma árvore encontrada em muitos países. Os baobás têm uma relação muito curiosa com a água. Por serem árvores que são ocas por dentro, elas acumulam água, por isso podem sobreviver por muito tempo. Além disso, sua madeira incha em contato com a chuva, e isso faz com que seus troncos mudem de forma de época para época.

O baobá é uma árvore que se torna uma casa para um grande número de criaturas, que sobrevivem fazendo moradia dentro e em suas intermediações. Inclusive humanos, além de visitá-las já fizeram um bar na árvore e quem sabe um dia não se torna uma escola. Como foi dito, o baobá é uma árvore ao contrário. Suas raízes aparentam estar na copa, e a copa parece estar debaixo da terra nas raízes. “Segundo pesquisa, os exemplares mais velhos estão morrendo sem que se saibam as causas” (NADAL, 2018).

Os baobás lembram muito a autoridade e tradição na educação. Lembram também a crise, pois estão morrendo sem saber a causa. O baobá é a própria instituição escolar. Assume responsabilidade pelo mundo. Se transforma pelo ensino e aprendizagem na sua relação com o mundo. Suas raízes representam de forma milenar a pluralidade do acesso à tradição. São árvores que demoram a amadurecer e seus frutos renovam a cada geração.

A tradição nem sempre na história presenteia o mundo com boas narrativas. No entanto, quando olhamos para o fio que conduz a tradição no passado, podemos observar obras como *Origens do totalitarismo* (ARENDRT, 2012), *Necropolítica* (MBEMBE, 2018) e *Eichmann em Jerusalém* (ARENDRT, 1999). Essas obras retratam alguns governos e suas ideologias que existiram, ainda existem e podem continuar existindo. Hannah Arendt comenta que, por exemplo, em *Eichmann em Jerusalém*, que ele admitiu ter lido muito pouco.

Chegou a ler mais um livro, *história do sionismo* (durante o julgamento sempre confundia esse livro com *Judenstaat*, de Herzl), de Josef Böhm, e isso era talvez uma considerável conquista para um homem que, segundo ele próprio, sempre

relutara em ler toda e qualquer coisa além de jornais, e que, para desânimo do pai, nunca recorrera aos livros da biblioteca familiar. (ARENDR, 1999, p. 53)

Penso que a falta de leitura de Eichmann é no mínimo intrigante, quando relacionamos a sua história de vida. Essas obras podem nos ensinar muito sobre os erros cometidos pelos governos antigos e atuais. Sem acesso à educação, responsabilidade dos adultos e o legado dessa tradição, possivelmente a humanidade tem como destino, sustentar suas esperanças em um mundo comum, que não seria comum, quando sustentado pela mentira, distopia e superfluidade.

Enfim, se com poucas páginas Hannah Arendt conseguiu trazer uma grande contribuição para a educação que tem como essência a natalidade. Podemos ter a esperança que essa forma diferente e especial de educação, represente uma verdadeira renovação e preservação do mundo, pois assim como os baobás e todas suas características podem nos ajudar a pensar como manter seguro os fios que conduzem uma geração a outra, e a partir de suas raízes sustentar o legado do passado para no presente se valorize a pluralidade que existe na tradição.

E para sobreviver a tempos sombrios parece que também precisamos carregar, como indivíduos pertencentes e participantes do mundo comum, muitas das características dos baobás. Devemos respeitar sua resistência, para podermos resistir. Assumir responsabilidade e ter paciência pelo seu crescimento, que é extremamente demorado, mas que prepara a colheita com muita qualidade. Quem sabe assim podemos gerar em uma futura primavera, melhores frutos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammì. - 1ª ed. - São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2017.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. Uma leitura do ensaio 'A crise na educação' de Hannah Arendt. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 1, n. 2, p. 114-125, maio 2016.

_____. **Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo** / Vanessa Sievers de Almeida. - São paulo: Cortez, 2011.

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação Adriano Correia. - 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2017.

_____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução José Rubens Siqueira. - São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

_____. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. - São Paulo: Companhia das letras, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. - Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dent-zien. - Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CARVALHO, J.S. **Educação, uma herança sem testamento: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt** / José Sérgio Fonseca de Carvalho. - 1. ed. - São paulo : Pespectiva : FAPESP, 2017

CARVALHO, J.S. A liberdade educa ou a educação liberta? Uma crítica das pedagogias da autonomia à luz do pensamento de Hannah Arendt. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.3, p. 839-851, set./dez. 2010.

CORREIA, Adriano. **Hannah Arendt e a modernidade: política, economia e a disputa por uma fronteira**. - 1. ed. - Rio de janeiro: Forense universitária, 2014

CUSTÓDIO, Crislei. **A infância no espelho da pedagogia: Mundo Infantil, regimes de temporalidade e individualização do discurso pedagógico**. 2016. 272f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2016.

CUSTÓDIO, Crislei. **Educação e mundo comum em Hannah Arendt: reflexões e relações em face da crise do mundo moderno**. 2011. 134f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LEFORT, Claude. **Desafios da escrita política**. Tradução de Eliana de melo Souza. São paulo: discurso editorial, 1999

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. - São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª edição).

LLOSA, Mario Vargas. **A Civilização do Espetáculo**. Tradução Ivone Benedetti. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013.

NADAL, Paco. **Os melhores locais do mundo para ver baobás (antes que desapareçam)**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/21/internacional/1529603610_975669.html>. Acesso em: 10 de março de 2021

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

OAKESHOTT, Michael. Teaching and Learning. In: PETERS, Richard S. (Org.). **The Concept of Education**. London: Routledge & Keagan Paul, 1968

PETERS, R.S. **Educação como iniciação**. In: ARCHAMBAULT, R. D. (org.). Educação e análise filosófica. Tradução de Carlos Eduardo Guimarães e Maria da Conceição Guimarães. São paulo: Saraiva, 1979.

PLATÃO. **O julgamento e a morte de Sócrates ; O banquete / Platão** ; tradução Bruno gripp ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de janeiro : Nova Fronteira, 2018.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe / Antoine de Saint-exupéry: com aquarelas do autor**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009

SANTAELLA, Lucia. **As linguagens como antídotos ao midiacentrismo**. MATRIZES. p. 75-97, n1, outubro, 2007.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. Tradução João Távora. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

WIKIPÉDIA. **Revolução Digital**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_digital>. Acesso em: 8 de março de 2021

WIKIPÉDIA. **Tecnologias da informação e comunicação**. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologias_da_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 8 de março de 2021